AZUL

Produção de Newsmagazine **Cenjor 2016** nº2

O gosto da vitória invade uma nação

Atentado no Sul de França relança ameaça terrorista

Bodas de ouro da ponte americana sobre o Tejo

Viagem à Mouraria, um bairro onde habita o mundo

Cenjor, 30 anos depois, desafios renovados

índice

Cenjor
produção de
newsmagazine
acção nº 132153

27 de Junho
a 22 de Julho de 2016

DIRECTORA
Deolinda Almeida

EDITORA
Cristina Guerreiro

GRAFISMO E PAGINAÇÃO
Marco Ferreira

REDACÇÃO
Ana Lúcia Melo
António Crisóstomo
António Pedro Santos
Carlos Carvalho
Cristina Vieira
Eustáquio Amaral
Helena Reis
Joana Bom
José Paes
Maria Pessoa
Mário Almeida
Nuno Marques
Rui Mendes
Tiago Parente

SECRETARIADO DE REDACÇÃO
Ana Lúcia Melo

COLABORADORA
Rita Morgadinho

FOTO DE CAPA
Helena Reis

FOTO DO EDITORIAL
António Pedro Santos

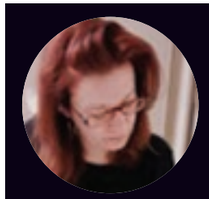
4
Luto em Nice
O atentado no sul de França atinge os valores da democracia europeia em dia de comemorações da tomada da Bastilha

2 Editorial 8 MUNDO Brexit 10 MIGRANTES Memórias êxodo descolonização 12 Voluntariado/Cáritas Jordânia 14 Refugiados em Portugal 16 Emigrantes em protesto 18 SAÚDE Imigrantes 21 Envelhecimento activo 22 CIDADE 50 anos da Ponte 25 Abril 24 Miradouros escondidos 26 Viagem à Mouraria e Igreja S. Cristovão 30 CULTURA 60 anos da FCG 32 MAAT 33 Festivais de Verão 34 Galeria P4 35 Pontos de Vista 36 TRADIÇÃO Campinos invadem a cidade 42 Arte Xávega 44 Campismo alcatifado 51 Desporto adaptado 52 Campo das Salésias 56 MEDIA Cenjor 30 anos 58 DESTINOS Madeira 60 A FECHAR

40
Sangue e festa na arena
Uma manifestação que está no sangue do povo português e, de muitos outros povos, a festa dos touros pode perder os subsídios da UE

46
Orgulho nacional
A crença e persistência de uma equipa que levou um povo à loucura em cada jogo. A celebração correu mundo e a selecção nacional foi agraciada pelo Presidente da República

54
Presença portuguesa nas Ciências do Espaço



CRISTINA GUERREIRO
JORNALISTA E FORMADORA NO CENJOR

CR7 NÃO É SÓ UMA ESTRELA DO REAL MADRID

Correram França de lés-a-lés para apoiar a seleção, mesmo sem bilhete para os jogos, esperando os jogadores com devoção, horas ao sol e à chuva à espera de um autógrafo, de uma *selfie*. Fizeram cordões humanos e pintaram os estádios e as ruas de verde e vermelho, cantaram o hino com emoção. Orgulhosos das suas origens não escondiam as lágrimas de alegria sempre que os seus jogadores cumpriam mais uma etapa. Para muitos, valeu a pena esperar décadas para viver aquele momento em que *les petits portugais* deram um pontapé no destino com o gozo da dignidade reposta, tanta vezes humilhada no clube europeu, e o orgulho de uma nação periférica ter transcendido o seu triste fado. "Juntos somos mais fortes", cantava o lema da selecção nacional no Euro 2016, que merece largo destaque no retorno da AZUL neste Verão quente.

Afinal, CR7 não é só uma estrela do Real Madrid. É também uma galáxia, a mais brilhante estudada, descoberta em 2015 por uma equipa internacional liderada por um investigador português. Para além da alusão ao futebolista, o seu nome significa *Cosmos Redshift 7*, referência à sua localização no espaço. É também a primeira vez que se observa a primeira fornada de estrelas do universo e a mão da comunidade científica portuguesa consolida uma nova etapa dos descobrimentos actuais.

No centro de tudo, sempre o estrangeiro, o migrante, o outro, numa década em que a informação chega em tempo real a todo o mundo e em que ocorrências extremas se sucedem rapidamente num cenário geopolítico global de intensa instabilidade. O ataque ao Ocidente pelo autoproclamado Estado Islâmico faz-nos recuar até aos três mil mortos de 70 nacionalidades num atordoante 11 de Setembro de 2001 nos EUA para prosseguir uma cruzada de terror nos últimos 12 anos na Europa. De Madrid, em Março de 2004, 191 mortos, para Londres, em Julho de 2005, 52 mortos, prosseguindo para a Bélgica, para a Noruega, para a Alemanha e para a Turquia (que agora atravessa uma gigantesca purga interna em que a democracia parece estar suspensa). Em dia de simbolismo incontornável, o atentado de Nice enluta de novo a liberdade da vida comum numa ofensiva que em França nos últimos dois anos soma 7 atentados, 230 mortos e 300 feridos.

Dias de valores em ebulição, talvez ruína de um modelo político em que o desemprego transversal, a falsa integração dos emigrantes e o divórcio da cidadania vão minando com a intermitência tantas comunidades, cada vez mais atomizadas, quantas vezes perdidas no medo de uma opção de solidariedade. Apesar da quebra de velhas alianças e de uma cultura de violência gratuita que questionam muitas democracias, as sementes de esperança resistem no crescente movimento de voluntariado, em inclusivas políticas sociais e de saúde, nos gestos empreendedores que preservam a identidade das gentes e das cidades. E também na coragem das artes do mar, das tradições da lezíria, dos lazeres conquistados ou de uma profissionalização que se quer atenta aos sinais da mudança, a única certeza que povoa uma existência autêntica. **COM HELENA REIS E TIAGO PARENTE**

"Foi bonita a festa, pá, fiquei contente", como diria Chico Buarque naquele seu "Tanto mar" no pós-revolução de Abril de 1974.
Dias de alegria a iluminarem um país que se redescobre numa Europa ameaçada

DR

Luto em Nice

O RECENTE ATENTADO NO SUL DE FRANÇA NAS COMEMORAÇÕES DA TOMADA DA BASTILHA ATINGE A HERANÇA DA DEMOCRACIA, REPUBLICANA E PROGRESSISTA EUROPEIA. NUMA DÉCADA EM QUE A INFORMAÇÃO CHEGA EM TEMPO REAL A TODO O MUNDO, AS TÁTICAS DO TERROR REVELAM UM CENÁRIO GEOPOLÍTICO GLOBAL DE INTENSA INSTABILIDADE

POR **MÁRIO JORGE ALMEIDA** E **TIAGO PARENTE**

O estado de emergência decretado por França vigorava desde o ano anterior, quando ocorreu o atentado em Paris. Esperava-se que fosse levantado após a conclusão do Europeu de futebol e do *Tour de France* mas será, mais uma vez, adiado.

Fruto de uma cruzada religiosa ou de um tresloucado cheio de raiva e sem escrúpulos, a realidade é que no pavimento e nos passeios do Promenade des Anglais ficaram 84 mortos e cerca de 200 feridos, 20 dos quais em estado grave, numa data simbólica para a França. E na última semana, começam a ser conhecidos mais factos sobre o seu autor, o franco tunisino residente na zona de Nice, Mohamed Lahouaiej Bouhlel. Divorciado, com problemas familiares, pequenos delitos, incidentes de violência, desacatos. Segundo alguns vizinhos, tratava-se de pessoa pouco simpática e nada cordial.

Amigos e conhecidos do autor da chacina são perentórios em afirmar que não era muçulmano: "ele não ia à mesquita, nunca o vi por lá a rezar". Outros afirmam que bebia álcool e que não respeitava o Ramadão, mas no Islão não existe o conceito de "não praticante". "Se não tiverem engenhos explosivos ou balas para matarem infiéis americanos e infiéis franceses, ou os seus aliados, esmaguem as cabeças deles com pedras, chacinem-nos com uma faca, atirem o vosso carro contra eles, atirem-nos de um sítio, sufoquem-nos ou envenenem-nos". O jornal francês *Le Monde* relembra estas declarações da autoria de um porta-voz do auto proclamado Estado Islâmico (EI), Abou Mohamed Al-Adnani, em Setembro de 2014. O *modus operandi* enquadra-se pois neste "apelo" feito pelo grupo extremista.

Já em Janeiro tinham ocorrido, também em França, incidentes ligados, aparentemente, ao EI. À semelhança de Nice, um civil e um guarda policial foram feridos por um veículo guiado na sua direção. O autor não tinha afiliação ao Estado Islâmico sendo, no entanto, assumido graças a material encontrado no seu computador, que tenha agido por influência ideológica.

Ataques deste género, perpetrados pelos denominados "lobos solitários" na Europa têm sido recorrentes. No mesmo mês, um ano após o massacre de *Charlie Hebdo* em Paris, uma esquadra de polícia foi atacada por um homem munido de arma branca. De igual forma, a Alemanha viu acontecer uma explosão num casamento *sikh* e um polícia ser alvo de tentativa de esfaqueamento, em Fevereiro, e a mesma ofensa a civis, em Maio, em Munique. O caso mais mediático de um ataque perpetrado por um "lobo solitário" ocorreu numa discoteca *gay* em Orlando, na Florida, Estados Unidos, um tiroteio que causou 49 mortes no total e de novo classificado, pelo FBI, como motivado por "ideologia islâmica".

Já em Janeiro tinham ocorrido, também em França, incidentes ligados, aparentemente, ao EI. À semelhança de Nice, um civil e um guarda policial foram feridos por um veículo guiado na sua direção

Estas ocorrências enquadram-se num panorama mais largo de massacres reivindicados pelo Estado Islâmico. Ainda na Europa, em Março, Bruxelas sofreu três ataques bombistas, dois em aeroportos e um numa estação de metro. Na mesma semana, duas cidades iraquianas, Iskandariya e Arish, sofreram igualmente com bombistas suicidas, contando com dezenas de fatalidades. Bagdade, especialmente, vê-se regularmente a braços com este tipo de investida. A 3 de Julho, durante o Ramadão, mais de 300 pessoas foram mortas por um camião frigorífico repleto de explosivos, naquele que foi o segundo ataque suicida mais mortífero da história deste país.

Na vizinha Síria, a guerra civil não cessa e todas as semanas crescem os números de fatalidades. A instável Turquia encena um golpe militar e gere ofensivas do EI enquanto o conflito curdo-turco se adensa. Em África, o Boko-Haram, em aliança com o EI, mantém o terror nos Camarões, Chade, Nigéria e Níger. Entretanto, o Brasil, onde pela primeira vez um grupo sul-americano assume aliança ao EI, reforça medidas de segurança preparando-se para os Jogos Olímpicos de Agosto.

Portugal, bem como a Espanha, receberam ameaças extremistas, já que ambos pertenceram ao velho califado que hoje a cruzada terrorista quer reeditar

FOTOS: DR

Pesadelos de Verão

// Na noite seguinte ao atentado de Nice, uma tentativa de golpe de Estado na Turquia coloca 15 de Julho na agenda simbólica da luta de poder. No dia seguinte contavam-se 290 mortos e mais de 1400 feridos e o presidente Recep Tayyip Erdogan já controlava o exército desafiador. E os ajustes de contas não se fizeram esperar.

Cumprindo a promessa de "limpeza" foram detidos seis mil turcos e emitidos mandatos contra três mil procuradores e juízes. O presidente utilizou as redes sociais – as mesmas que tanto tem combatido – aparentemente com sucesso, para apelar à população para sair às ruas manifestando-se em sua defesa.

Em Nice, tal como em praticamente todas as cidades da pátria de Voltaire e Montesquieu, decorriam as comemorações do dia nacional de França marcado pela tomada da Bastilha, ocorrida em 1789, também marcada pelo sangue que nessa data correu pelas ruas de Paris.

O fogo-de-artifício, ponto alto das comemorações, contribuíra para engrossar a multidão que se juntara à beira-mar numa quente noite de Verão na Promenade des Anglais, com muitas crianças fascinadas pela cor e pelas explosões deste divertimento com origem na China há mais de dois mil anos e importado há muitos séculos para a Europa.

De repente, um camião frigorífico desgovernado, irrompe pela estrada marginal transformada em zona pedonal para os festejos. O camião ziguezagueia pela avenida semeando o terror e o pânico. Depois de alguns momentos de indecisão, a polícia reage e dispara sobre a cabine do camião que se imobiliza. Ouvem-se os gritos dos cerca de 200 sobreviventes feridos. Alguém tem a ideia de arrancar toalhas das mesas das esplanadas dos restaurantes próximos para preservar a dignidade dos 84 mortos.CC E MJA

DR

Aliança cética

BREXIT A saída da Grã-Bretanha da Europa revelou a verdadeira face de estratégias de liderança antigas. Comércio livre sim, solidariedade europeia, não, obrigado

HELENA REIS // David Cameron ficará na história como o político responsável por colocar em jogo o interesse geral da Grã-Bretanha e da Europa, enfatizando os dramas da liderança pessoal num contexto partidário. Afinal, o resultado do referendo provocou um autêntico terramoto nos partidos britânicos.

Nigel Farage demite-se do UKIP, achando que o seu principal objetivo tinha sido alcançado. Boris Johnson, principal apoiante do Brexit no Partido Conservador, desistiu de suceder a Cameron na liderança partidária. Theresa May, eurocética, mas que tinha feito campanha ao lado de Cameron na defesa pela permanência, acabou por suceder-lhe na direção do partido e consequentemente torna-se primeira-ministra britânica a 13 de Julho. Nomeia Boris Johnson como ministro dos Negócios Estrangeiros que, na sua primeira reunião em Bruxelas, esclarece sem margem para dúvidas o modelo do Governo atual. "Queremos continuar a ser *leaders* na Europa", sublinha.

No Partido Trabalhista as consequências do Brexit também não foram pacíficas. Alguns membros do partido demitiram-se acusando Jeremy Corbyn de ter falhado em persuadir os eleitores a votarem pela permanência do Reino Unido na União Europeia.

O resultado não foi assim tão desequilibrado: 51,9% sim contra 48,1% não, num universo de 72% de votantes. O mesmo não se pode dizer da distribuição geográfica em que Escócia (62%) e Irlanda do Norte (55,7%) votaram maioritariamente pela permanência enquanto Inglaterra (53,2%) e País de Gales (51,7%) votaram pela saída. No que respeita às faixas etárias o apoio à saída veio dos maiores de 50 anos enquanto 75% dos jovens eram pela permanência. Só que mais de metade dos jovens entre os 18 e 24 anos não foram votar, o que fez toda a diferença.

Há quem defenda que pais e avós traíram os seus filhos e netos ou que os que ganharam o Brexit não têm projeto alternativo. E para a grande maioria dos europeus, os britânicos querem uma zona de comércio livre, mas não instituições comuns, ou seja, a sua escolha elege o melhor dos dois mundos. Sem constrangimentos, sem amarras solidárias, orgulhosamente ilhéus.

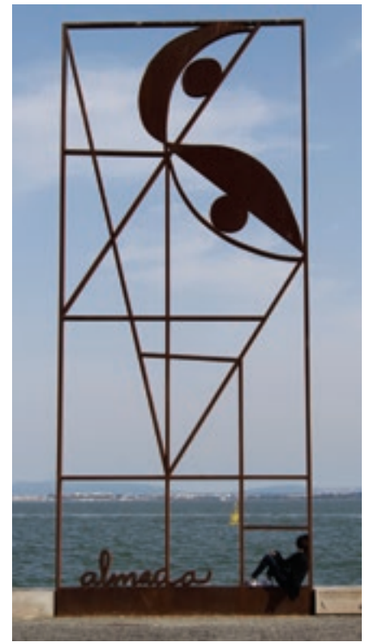
Duas jovens portuguesas na capital

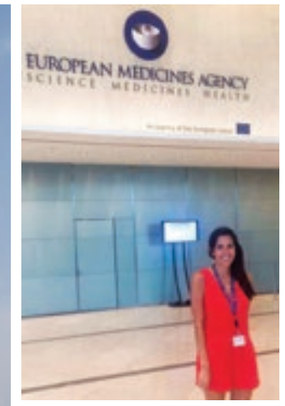
Londres é a capital do reino onde se cruzam uma multiplicidade de nacionalidades e culturas, esbatendo assim as marcas mais conservadoras da identidade inglesa. No entanto, o Brexit continua a ser o assunto do dia. Paula Brejo, 27 anos, natural de Évora, mestre em Ciências Farmacêuticas e em Indústria Farmacêutica, vive em Londres desde Outubro de 2015. Antes trabalhava em Portugal na Tecnimede, onde era responsável pelo ciclo de vida dos medicamentos. Concorreu ao programa de estágios da European Medicines Agency (EMA) e foi selecionada para um programa de seis meses, em Londres, que entretanto teve uma renovação por mais seis. Neste momento é responsável pela qualidade da base de dados que contém todos os medicamentos autorizados na União Europeia e no espaço da European Economic Area (EEA) e que também é utilizada para fins de fármaco-vigilância.

Em termos do dia-a-dia não nota qualquer diferença no antes ou pós-Brexit, já que Londres é uma capital cosmopolita e uma zona atípica em relação ao resto do Reino Unido. Mas em relação à atividade profissional, as mudanças estão no ar. A EMA só pode estar num país que pertença à União Europeia e já há uma equipa de trabalho a preparar alternativas para quando for acionado o incontornável art. 50. O novo país de destino será escolhido pela Comissão Europeia e tem que ter o acordo de todos os Chefes de Estado. Paula Brejo sabe que muitas cidades já se candidataram oficialmente para receber a EMA e, se for convidada, irá continuar a sua viagem europeia. "Farta destes ingleses estou eu", desabafa a jovem farmacêutica.

Já a aventura por terras britânicas de Inês Pereira, 24 anos, natural de Portimão, começou no inicio do mês de Junho, também na capital, quase coincidindo com a campanha do Brexit. Licenciada em Gestão Hoteleira, em Portugal trabalhava no grupo Pestana, mas ambicionava uma experiência nova, fora do país.

Agora os seus dias fazem-se no Hilton London Green Park. Os colegas de trabalho são na maioria estrangeiros como ela e as duas únicas inglesas da mesma área no Hilton tiveram leituras diferentes sobre a saída da Europa. Uma votou sim, por causa dos benefícios que o Estado dá aos emigrantes, e a outra absteve-se no referendo. A maior parte dos clientes do hotel (homens e mulheres de negócios) não se mostra muito contente com o Brexit ou outros, particularmente os americanos, não parecem conhecer todas as implicações desta decisão inglesa. Quanto ao futuro, Inês Pereira acha que quem tem a documentação em ordem, um contrato de trabalho e paga impostos, não tem que se preocupar com a atual contradança.





A nova primeira-ministra inglesa Theresa May, uma eurocética, está agora ao comando do novo destino de jovens emigrantes como Paula Brejo e Inês Pereira. Na Ribeira das Naus ouve-se a inquietude de alguma juventude inglesa

HELENA REIS
FORMANDA NA ACÇÃO

"DESOLADO POR ESTE BREXIT!"

COMENTÁRIO // Lisboa, Ribeira das Naus, uma esplanada cheia numa tarde quente de Verão. Apesar do som da música ao vivo em fundo, a multiplicidade das línguas é percetível nas conversas dos frequentadores de todas as idades. Um jovem levanta-se, aproxima-se da mesa do lado e pergunta em inglês se lhe arranjam um cigarro. Talvez tenha cerca de 25 anos e, antes de agradecer o cigarro que já acendeu, dispara: "De onde são vocês?" Os visados são de França e Portugal e devolvem-lhe a curiosidade. O semblante alegre e descontraído do jovem fica de repente carregado. "Desculpem, mas tenho vergonha de dizer que sou inglês. Sou de Londres, nunca conheci outra realidade, e embora tenha trabalho e não pense mudar neste momento, acho que temos o direito de escolher onde queremos estar. Como é que as pessoas se deixam levar por políticos sem escrúpulos? Não me consigo conformar. Não posso aceitar que os mais velhos decidam o futuro dos jovens do meu país." As lágrimas assomam aos seus olhos, enquanto se despede com um beijo, pedindo desculpa pelo seu país, mas feliz com o sol e a hospitalidade do ainda parceiro português.

Reinventar uma fénix

MEMÓRIAS DE UM ÊXODO ULTRAMARINO A experiência portuguesa foi crucial para muitos refugiados da descolonização, que se viram expostos às diferenças culturais entre as promissoras ex-colónias e a tradicional metrópole, e pode ter contribuído para descobrir novos laços noutra etapa da vida

FOTOS CEDIDAS POR MARIA HELENA DIOGO

ANA LÚCIA MELO // Maria Helena Oliveira Diogo nunca se considerou "retornada porque era a primeira vez que estava em Portugal, em 1975", até porque a sua família tinha há muito raízes em África. Agora, reformada e terapeuta ocupacional, 40 anos vividos no Brasil, recorda "apreensiva" um ano de limbo em Lisboa como refugiada angolana. Apesar das evidentes dificuldades de sobrevivência e dos juízos de valor sobre o papel das mulheres, restava-lhe a garra e muita determinação para recomeçar, no início de 1976, mas no Brasil. O Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN) paga-lhe a passagem para a viagem transatlântica e a sua família reinventa-se, com pouca bagagem de mão, mas com toda a motivação do mundo. Por lá, agarra o crescimento de Brasília e torna-se vendedora numa joalharia e depois secretária consular e tradutora. Mas a chama da sua vida surgirá nos programas de desenvolvimento da ONU-PNUD, durante 32 anos de "uma segunda pele", que já lhe somou mais dois filhos aos primeiros dois com que chegou ao Brasil.

O jardim angolano

Para trás ficará o primeiro som que se lembra ter ouvido, "o de uma onda a bater na areia, ao acordar e ao adormecer, em cada dia" vivido no Lobito, "pacata e belíssima cidade plantada entre o mar e a baía, a sala de visitas ou o jardim de Angola, que abrigava o maior porto natural da costa ocidental da África e era o ponto de partida para o interior da maior companhia ferroviária particular do mundo, o Caminho de Ferro de Benguela (CFB)", onde o pai trabalhava. E, logo, mergulha nas memórias de um "tempo feliz" que sublinha: "Que outra cidade do mundo homenageia com um monumento o seu mendigo mais popular, Chico Cuma? E a estátua dele permanece lá, como confirmei na minha viagem em Maio de 2014, depois de quase 40 anos de exílio."

Maria Helena desde cedo aprendeu "a recomeçar com o que seria possível". Na adolescência, em 1969, muda-se com os pais do mar de Benguela para o interior do Luso, hoje Luena, capital da província do Moxico. "Primeiro tive um choque, a cidade do Luso era a sede do comando chefe do Estado Maior da Zona Leste, base das forças armadas portuguesas no combate aos guerrilheiros pró- independência, em sua maioria da UNITA, metade da população era provisória, constituída por militares e poucos familiares, que chegavam e partiam numa cidade cercada de arame farpado..."

Mal sabia a jovem Maria Helena que os próximos dez anos desatariam em sucessivos rodopios, "até a projectar para bem longe das suas raízes e valores na então maior e mais produtiva colónia portuguesa".

As férias da mudança

Em 25 de Abril de 1974, Maria Helena, já casada, está de férias em casa dos pais, regressados ao Lobito. Ao longo do dia, vão chegando notícias sobre a possibilidade de um golpe militar em Portugal, "tudo com muito atraso, devido à censura do Estado Novo que nunca permitiu que a televisão fosse instalada em Angola, mas a ansiedade cresce e com ela a expectativa de uma independência, de uma nação livre, no usufruto pleno da sua economia, do respeito à diversidade e ao caldo cultural daquela terra".

Maria Helena Diogo recria-se entre o Luso, em 19 75, a caminho de Lisboa, em 1976 e ainda no mesmo ano em Brasília

DESCOLONIZAR, DEMOCRATIZAR E DESENVOLVER

// Para lá dos números que mostram a integração social de cerca de meio milhão de pessoas, as histórias dos refugiados das ex-colónias portuguesas revelam dores de exílio, confrontos culturais e uma adaptação exemplar de trajectórias interrompidas de vida. Afinal, entre Junho de 1975 e Novembro de 1976 vieram de Angola 275.600 pessoas, em 905 voos de Luanda e de Nova Lisboa e por meios próprios. De Moçambique chegaram 30.194 e de Timor 1.525. No continente e ilhas, o Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN) registou 505.087 pessoas acolhidas, que representavam, nessa altura 5,3% da população do continente e 5,1% da população das ilhas dos Açores e Madeira, segundo dados do relatório oficial da Secretaria de Estado da Administração Local.

Um ano mais tarde, o marido decide usufruir a licença graciosa, as férias em Portugal concedidas pelas grandes empresas aos funcionários e dependentes, com salário e passagens pagas, uma medida do regime colonialista para fomentar os laços entre as pessoas que viviam nas colónias e as da metrópole [Portugal]. "Essas férias eram uma forma de controlo da população branca empregada nas maiores empresas, de modo a que não aderisse às ideias pró-independência. No caso do meu marido, gerente bancário, para cada quatro anos trabalhados teria quatro meses de férias pagas em Portugal."

Maria Helena, grávida do segundo filho, propõe adiar a viagem para o ano seguinte, "as crianças estariam maiores, seria melhor para todos". Mas, categórico, o marido insiste, "porque depois da independência pode perder o direito à graciosa que será a sua primeira e única". E as passagens para Lisboa foram compradas para Junho de 1975 com regresso previsto em Outubro.

"Em Abril de 1975, o Luso já se encontrava numa situação muito instável, faltavam produtos de primeira necessidade, a saída da mão de obra especializada dava-se a um ritmo frenético, os conflitos armados agudizavam-se entre os antigos movimentos guerrilheiros que tinham tomado conta das cidades que já mostravam as suas primeiras cicatrizes", refere Maria Helena.

Apesar dos confrontos, o povo angolano estava confiante do seu rumo de paz, mas alienado da dimensão real dos bastidores políticos e da cobiça internacional sobre Angola. "A 1 de Maio de 1975, nesse dia de horror e destruição, as notícias corriam de boca em boca, as pessoas estavam indignadas, apavoradas e impotentes. Só escapámos a um massacre na nossa casa, porque o meu marido correu à delegação do MPLA e pediu ajuda ao comandante Dack-Doy, que nos mandou proteger devido à sua influência profissional ", salienta.

Desde então, "na espera de um activo Governo de Transição, em que os três movimentos políticos angolanos [MPLA, UNITA e FNLA] praticariam em conjunto o exercício de governança", sob a supervisão da autoridade portuguesa, conforme assinado no Acordo de Alvor, de 1974, "os dias traziam os sons dos tiros, de bazucas, de morteiros, da guerra na rua".

Assim, a sonhada viagem de férias parecia oportuna para respirar outros ares e regressar a Angola próximo da data marcada para a independência, "com os ânimos já calmos e focados na reconstrução e na formação do estado angolano". O marido seria transferido para a agência do Banco Pinto & Sotto Mayor, na então cidade de Serpa Pinto, hoje Menongué, capital da província do Cuando Cubango, no Sul, e assim preparam logo a mudança, deixando a futura vida em caixotes num armazém seguro de um amigo.

"O nosso voo do Luso para Luanda no *Friendship* foi tranquilo. E a descoberta de Lisboa estava tão próxima. Pelo meio, ouvímos a notícia do Acordo de Mombasa, que selaria o fim dos conflitos armados em Angola e, em simultâneo, a primeira rajada de metralhadora. Logo outra lhe responde. Recolhemos as crianças e as malas e corremos para o carro. Nas escadas cruzámo-nos com três soldados, que respeitosamente, baixaram as armas e se encostaram à parede para nos darem espaço. Cá fora zuniam balas e lá fomos rumo ao aeroporto, onde já estava instalado um verdadeiro caos, com famílias a dormir no chão, na expectativa de conseguirem um embarque para Portugal."

Mais tarde, soube que "esse combate durou 15 dias e que o tal apartamento fora destruído". E recorda que "um comportamento misterioso" do seu filho mais velho, Pedro. "Sempre que ouvia um tiro ou uma explosão adormecia instantaneamente e só acordava quando tudo se silenciava . Uma vez, no Luso, ficou adormecido por 20 horas!"

Uma metrópole esgotada

Chegada a Lisboa no Verão "quente" de 1975, choca-a a grande agitação no aeroporto e no país que esboçava acordos de sobrevivência democrática. "De imediato, sentimos alguma hostilidade e desconfiança na partilha das nossas recentes experiências traumáticas, mas confesso que me sentia aliviada. E fomos espairecer pela Serra da Estrela, Porto e Braga, onde tínhamos familiares, antes de do turístico Sul", refere. Pelo meio, recebem notícias dos confrontos crescentes no Luso, e em Angola toda, da prisão de dois irmãos, as transferências bancárias do salário do marido estão suspensas e como apoio de um colega lá está a carta com "uma nota de 100 dólares para não morrer à fome".

Com mais três meses de férias, sem salário, a família fica em Lisboa, em busca de um futuro, já que entretanto sabe que os seus bens em Angola tinham sido saqueados. "Umas poucas fotos chamuscadas do nosso álbum de cas amento voaram soltas pela cidade do Luso. Alguém me reconheceu e entregou-as ao meu pai, a 1.200 km de distância, no Lobito. Foi o que restou, já não tínhamos nada."

O marido passou a fazer biscates que completavam o subsídio mensal do IARN, criado de emergência para mitigar as necessidades dos refugiados. "Todos os meses, esperava horas a fio numa extensa fila, rua fora junto ao IARN, e acompanhava situações de revolta pelo constrangimento com que cada vez mais refugiados chegavam numa verdadeira ponte aérea que despejava gente com muito passado num presente humilhante", refere Maria Helena.

Os 10 meses seguintes passados em Portugal trazem-lhe até hoje lembranças carregadas de radicalismo político e de um certo sentimento de traição já que se encontravam "sem pátria, sem povo, sem dinheiro e sem chão para sustentar a vida de uma família". Talvez bem próxima da realidade dos refugiados de hoje.

entrevista Ana Cristina Figueiredo
Idade | 52
Formação | Direito
Profissão | Jurista

Sementes de Esperança

APROVEITANDO A DISPONIBILIDADE DAS FÉRIAS DE VERÃO, PARTIU COM O SEU GRUPO SOLIDÁRIO, EM JUNHO, PARA FAZER O QUE FOSSE NECESSÁRIO, ONDE FOSSE URGENTE E COM QUEM MAIS PRECISASSE

POR **CRISTINA VIEIRA**

FOTOS CEDIDAS POR CÁRITAS JORDÂNIA

Visitou a Jordânia pela primeira vez em 2001 e apaixonou-se pelo país e pelas pessoas. Atenta às necessidades dos refugiados participou em marchas e em petições, como antes tinha abraçado causas ambientalistas, mas a sensação de impotência crescia e partilhou-a também no facebook. Assim, nasceu um grupo de cinco mulheres, duas juristas e três profissionais da saúde, com vontade de agir no terreno da Jordânia à Grécia, Líbano, Itália ou Turquia. A primeira resposta e a mais consistente surgiu da Cáritas Jordânia e coincidiu com o facto de ser um país que Ana Cristina Figueiredo conhecia bem.

Estiveram na Jordânia durante o Ramadão...

Em finais de 2015, a Cáritas abriu uma cantina social, o Restaurant of Mercy que serve refeições a pessoas carenciadas de qualquer religião, de qualquer credo, de qualquer etnia e de qualquer proveniência. A maior parte dos utentes da cantina é muçulmana. Para nós foi muito significativo termos chegado no início do Ramadão e podermos servir-lhes o Iftar, a refeição que quebra o jejum rigoroso que vivem durante todo o mês. Mas também desempenhámos tarefas como auxiliares de limpeza, ajudámos a preparar e a embalar as refeições e a empacotar alimentos que eram enviados para os campos de refugiados. E colaborámos com outros centros em Amã, ao nível administrativo, na receção das pessoas e em centros médicos, com cuidados de saúde gerais e pré-natais.

Os centros estão divididos por nacionalidades e fiquei com a nacionalidade síria que é a maioritária e carece de muito apoio. São famílias numerosas, casais jovens com oito filhos, doze filhos, há muitas gravidezes, muitos problemas neurológicos e psicológicos. Nós as duas que somos juristas estivemos a fazer um trabalho de inserção de dados, de separação e tratamento de processos. As amigas da saúde estiveram directamente a prestar apoio a médicos que são poucos e mal pagos na Jordânia e por isso a maior parte emigra, em busca de melhores condições, sobram os jovens em início de carreira ou os voluntariosos como um palestiniano que acabava por atender vários doentes e agregados familiares em simultâneo tal era o volume de solicitações.

Como é que a população local reagiu ao vosso grupo de cinco mulheres, portuguesas, em voluntariado durante o período de férias? Nós, as portuguesas, éramos uma curiosidade, sendo mulheres mas também porque não há muitos portugueses na Jordânia. Cantávamos e dançávamos, porque o trabalho o permitia, e foi uma forma de ultrapassar a barreira da língua, já que apenas alguns dos mais jovens falam inglês. A música é uma linguagem do coração e aproxima-nos, por ser muito espontânea e universal, e ajuda a partilhar a nossa alegria lusitana, a nossa cultura que é tão parecida com a cultura árabe. E recebemos uma visita real, a da Rainha Rânia que quis conhecer o nosso trabalho e se demorou na cozinha onde preparávamos a refeição do dia. A rainha tem uma ampla presença nas redes sociais e nos meios de comunicação social e, assim, a partir desse dia, cresceu exponencialmente o número de refeições servidas.

Quem são os voluntários que trabalham com refugiados em Amã? E quem são esses refugiados? Muito do trabalho era feito por refugiados, voluntários como nós. Antes de partirmos, chegou um casal, recém-casado, ela goesa, ele romeno, que iriam ficar na Jordânia dois meses como voluntários. É um trabalho duro e intenso, mas eles escolheram-no e, em vez de fazerem como a maioria dos casais, optaram por passar a lua-de-mel ao serviço de uma comunidade muito carenciada. Os refugiados são fundamentalmente pessoas como nós. Tiveram apenas a pouca sorte de estar, viver ou ter nascido num local e num tempo histórico que os descartou, e às suas famílias, por força da guerra e dos conflitos nos seus países. São pessoas muito fragilizadas, que querem apenas sobreviver e dar melhores condições de vida aos filhos. E precisam também de gestos simples de conforto e carinho como um abraço, um olhar, um afago, um sorriso. Há também o olhar… a candura, a inocência e a alegria das crianças. As mais velhas tinham um olhar triste que me comoveu, nunca conheceram outra realidade que não a guerra ▶

ou a fuga à guerra. E ter nos braços um bebé de 33 dias, que a mãe muito jovem, espontaneamente, me estendeu, feliz por ele, tão desejado, ter nascido em solo jordano.

As crianças percebem a dimensão do que se passa à sua volta? Julgo que sim. As mais velhas têm problemas graves, particularmente a nível psicológico. Já passaram por muito e têm uma vida sofrida. Nas mais novas notava-se um gosto particular em ser útil e em quererem imitar os mais velhos no trabalho de ajuda ao próximo. Na cantina onde trabalhámos, tivemos uns ajudantes pequeninos, que estavam na primeira linha de apoio aos utentes da cantina. O Dominique, um iraquiano de 9 anos, era incansável e um ajudante perfeito. Este é um trabalho que quero continuar a desenvolver, e felizmente tenho encontrado muita gente com quem partilhar este dever de cidadania.

Que balanço fazem desta experiência tão recente? Foi uma experiência única, que qualquer uma de nós quer repetir, seja na Jordânia ou noutro lugar de apoio, até porque recebemos bem mais do que aquilo que demos. Demos umas semanas das nossas vidas e viemos com o coração cheio… de sementes de esperança… por comprovarmos, in loco, que é muito mais o que nos une do que aquilo que nos separa. Recolhemos a ideia de que as pontes são possíveis entre uma instituição católica e outras comunidades, na maioria muçulmanas, sendo viável trabalharmos em conjunto, irmanados e, apesar das barreiras existentes, como a da língua ou dos credos, a verdade é que o trabalho fluía em prol do bem comum.

Ao longo da vida procurei ser solidária e útil, na medida do possível, foi por isso que segui Direito, para ajudar as pessoas de uma forma prática e profissional. Também estive ligada a associações de ambiente e fui dirigente da Quercus durante cerca de 20 anos. Gosto de estar em comunhão com a natureza porque sinto que faço parte dela, fazemos todos parte dela. Talvez por isso, gosto tanto de árvores, são lições de sobrevivência e de resiliência. Temos que evitar quebrar os laços com o que está à nossa volta porque podemos ir desumanizando.

A Rainha Rânia quis conhecer o trabalho dos voluntários e demorou-se na cozinha da Cáritas Jordânia

"A cantina servia uma média de 300 a 500 refeições por dia, incluído neste número estão as refeições distribuídas ao domicílio e a escolas"

"Não havia uma máquina de lavar loiça e tornei-me especialista a lavar tachos de 50 litros"

"Hoje na Jordânia 1 em cada 3 é refugiado e pode vir além da Palestina, da Arménia, do Egipto, do Iraque e da Síria"

"Há também as minorias, refugiados que encontraram na Jordânia um país mais tolerante, mais seguro e mais pacífico"

JOANA BOM

Abraço humanitário nacional

REFUGIADOS Portugal já acolhe 445 refugiados. Chegam à Europa por mar e terra, lidam com as crescentes dificuldades burocráticas que nascem da rápida intensificação de conflitos desta década e de diferentes visões políticas nem sempre solidárias com a sua necessidade de abrigo

TIAGO PARENTE E RUI MENDES // Há dez anos e após acolher um grupo de refugiados de Marrocos, Portugal determinou, em 2006, um programa de reinstalação nacional de modo a conceder anualmente asilo a, no mínimo, 30 pessoas. Desde então chegaram ao território nacional refugiados oriundos de diversos países como o Irão, Sudão ou Somália. No final de Junho, Portugal recebeu mais 28 refugiados, vindos da Grécia, totalizando em 445 o número de refugiados acolhidos pelo país, distribuídos por 103 municípios, segundo o ministro-adjunto Eduardo Cabrita.

No período transitório entre a chegada e a integração no país, os requerentes de asilo são recebidos em espaços de acolhimento como o Centro de Acolhimento para Refugiados (CAR), em Loures, e o Centro Pedro Arrupe do Serviço Jesuíta aos Refugiados, no Alto do Lumiar. A Casa de Acolhimento para Crianças Refugiadas (CACR), no Parque da Bela Vista, recebe crianças e jovens menores de 18 anos que cheguem ao território português sem adultos responsáveis por elas.

Administrado pelo Conselho Português para Refugiados, o CAR, para além de alojamento, proporciona alimentação, aconselhamento jurídico, apoio psicossocial e médico, apoio para o emprego e cursos de português e informática, contando para isso com uma biblioteca, acesso à internet, salas de formação, ateliês, uma creche infantil e um polidesportivo. E também promovem atividades lúdicas como o teatro – nasceu lá, inclusive, um grupo de teatro amador, o RefugiActo.

Em 2012 ocorreram tumultos no centro. Um espaço com capacidade para cerca de 50 pessoas albergava, na altura, 108, levando à deterioração das condições de abrigo. Quatro anos depois, um CAR II será construído na Quinta do Papa Leite, no concelho de Loures. Este novo edifício contará já com capacidade para 90 pessoas, 60 adultos e 30 menores não acompanhados, para poder responder dignamente às necessidades dos seus utilizadores marcados por tragédias humanas.

Com a intensificação dos conflitos no Médio Oriente, Ásia Central e Norte de África que se juntam às situações de violência em países como o Sudão, a Eritreia ou a Colômbia, a União Europeia tem recebido nos últimos anos um aumento da chegada de pessoas requerentes de asilo. Depois do pico de requerimentos em 1992 fruto da desintegração jugoslava, com 672 mil pedidos, deu-se uma queda nos anos seguintes, não atingindo os 200 mil em 2006. No entanto, posteriormente, verificou-se uma rápida ascensão das necessidades de abrigo, subindo de 457 mil em 2013 para 1.3 milhões de pedidos em 2015, maioritariamente vindos da Síria, Afeganistão e Iraque.

Cuidados de saúde

A Administração Central do Sistema de Saúde e a Direção-Geral da Saúde (DGS) garantem que o acesso dos refugiados ao Serviço Nacional de Saúde (SNS) será prestado gratuitamente para os cuidados de urgência, incluindo diagnóstico e terapêutica, assistência medicamentosa e cuidados de saúde primários, estando também incluída a isenção do pagamento de taxas moderadoras.

As instituições de saúde do SNS dizem-se preparadas para prestar igualmente cuidados de prevenção da doença, promoção da saúde e cuidados de tipo ambulatório, abrangendo clínica geral, saúde materno-infantil e planeamento familiar ou cuidados geriátricos.

Estas populações apresentam frequentemente um fraco estado de saúde, motivado pelas privações, dificuldades físicas e stress. A falta de recursos nos países de primeiro acolhimento pioram ainda mais o problema, com ambientes e condições de vida precárias e pouco saudáveis.

O grupo de refugiados acolhido em Portugal tem também acesso a cuidados de especialidades médicas como as áreas de oftalmologia, estomatologia, otorrinolaringologia e saúde mental. Estão ainda previstos os internamentos que não impliquem cuidados diferenciados, meios complementares de diagnóstico e terapêutica.

A DGS garante que Portugal está preparado para prestar os cuidados médicos necessários aos refugiados que chegam ao território nacional, mas tal não significa que terão garantido um médico de família.

"Imigrante em Portugal, cidadão igual"

REPORTAGEM Os imigrantes que vivem e trabalham em Portugal vieram às ruas da capital mostrar o seu desagrado perante a nova interpretação da lei de legalização pela atual tutela. E já somam uma pequena vitória com a suspensão da aplicação retroativa dos novos procedimentos

FOTOS: JOANA BOM

As associações dos direitos dos imigrantes tiveram uma pequena vitória no dia seguinte à manifestação de 3 de Julho

JOANA BOM E JOSÉ PAES // "Somos todos filhos de imigrantes" ou "ninguém é ilegal, ilegal é o capital" foram palavras de ordem gritadas em uníssono pelos cerca de 1500 manifestantes que se juntaram no primeiro e soalheiro domingo de Julho no Martim Moniz.

Nem as temperaturas superiores a 30º C dispersaram a manifestação, convocada no seguimento de um despacho da diretora do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), Luísa Maia Gonçalves, que anula normas que estavam em vigor para a entrada de estrangeiros em Portugal. Este despacho reformula a habilitação à legalização apenas para quem tenha entrado em Portugal dentro do prazo de validade do visto Schengen e se apresente no SEF dentro desse prazo. Ou seja, os imigrantes têm de se apresentar no SEF, conforme a validade do seu visto, que pode variar entre sete a 90 dias conforme o país origem, para garantirem a entrada de um processo de legalização no futuro.

Para o presidente da Associação Solidariedade Imigrante (Solim), Timóteo Macedo, o novo despacho do SEF "parte de uma leitura [da lei] que visa conter a entrada de pessoas em Portugal, já que há um aumento do número de pessoas que vêm da Índia, Paquistão, Bangladesh ou Nepal. As autoridades assustaram-se com o maior crescimento de imigrantes daquela parte do mundo. E, aqui, numa uma leitura política mais fina, pode haver um discurso islamofóbico… de despacho em despacho, despacham-se os imigrantes".

Antes da entrada em vigor deste despacho o processo de legalização não estava dependente da validade do visto Schengen, logo o processo de obtenção de autorização de residência para trabalho era mais "simples". "Antes, bastava ter um visto Schengen, independentemente da sua data, residir em Portugal, exercer atividade profissional e contribuir com os seus descontos para a segurança social", refere ainda. Assim, o novo despacho fecha a porta a "mais de 90% dos imigrantes, em particular aos que estavam em fase de legalização e não possibilita que outros possam candidatar-se a ter documentos em Portugal", esclarece Timóteo Macedo.

Mas as associações dos direitos dos imigrantes tiveram uma pequena vitória no dia seguinte à manifestação de 3 de Julho, com um novo despacho (42/DN/ 2016) que diz que o anunciado a 21 de Março não se aplica com retroativos. "Aqueles que já tinham processos em andamento ou iniciados, ou mesmo com pareceres negativos, podem pedir, agora, para reanalisar e reavaliar o seu processo", adverte Timóteo Macedo.

Nas reivindicações que estão na ordem de trabalhos da Solim destacam-se ainda a urgência de alteração do cariz de excepcionalidade contido nos artigos 88º e 89º do nº2 da Lei de Estrangeiros, sendo que este cariz atribui um carácter discricionário na aplicação dos mesmos. "Tem de ser uma opção afirmativa e não se pode deixar o critério nas mãos de um ou outro diretor do SEF, mas antes insistir no carácter regular [da lei] para dar documentos a quem ousa trabalhar e contribuir para o desenvolvimento deste país", sublinha Timóteo Macedo.

15 ANOS DE LUTA

// A Solidariedade Imigrante, Associação para a Defesa dos Direitos dos Imigrantes (Solim) surge em 2001, tendo na sua origem fundadores de 16 nacionalidades diferentes, apostados em "contrariar o *status quo* estabelecido no movimento imigrante", segundo o seu atual presidente, Timóteo Macedo. A Solim pauta-se por uma autonomia plena face ao Estado, demarcando-se de um registo de caridade e pretende dar visibilidade às "pessoas como atores de transformação social que questionem a ordem estabelecida".
O corpo de associados varia consoante os fluxos migratórios, passando pelo Senegal, Moldávia, Roménia, CPLP, África francófona, Hindustão, e, mais recentemente, Bangladesh, Nepal e China. "Se fizermos um estudo do que se passou na associação, percebemos também o que se passou a nível nacional, há um paralelismo", refere o presidente da Solim.
A associação tem desenvolvido, desde 2003, uma área de trabalho junto das mulheres imigrantes, dedicada à violência de género, às questões culturais e de igualdade e ao tráfico de mulheres. Dos 1500 atendimentos realizados em 2011, 40% foram do género feminino.
A Solim aguarda também por um novo espaço, com candidaturas sucessivas nos últimos 12 anos, junto da Câmara Municipal de Lisboa. JB

entrevista
Leonel Monteiro

Idade | 34 anos

Profissão | médico de família

"Os cuidados de saúde portugueses são de topo"

QUEM O DIZ É LEONEL MONTEIRO E A SUA EXPERIÊNCIA DE OITO ANOS COM A COMUNIDADE MULTICULTURAL DA UNIDADE DE SAÚDE FAMILIAR ARCO-ÍRIS NA AMADORA

POR **RUI MENDES** (TEXTO E FOTOS)

Que balanço faz sobre o acesso dos imigrantes aos cuidados de saúde nacionais? Portugal tem uma das melhores políticas do mundo relativas aos cuidados de saúde aos imigrantes, mas a burocracia muito "à portuguesa" atrapalha bastante. No caso recente dos refugiados, temos diversos enquadramentos e a maioria dos médicos e dos serviços administrativos desconhecem-nos. Mas os imigrantes legais, os provenientes da União Europeia ou da Suíça têm direitos similares aos cidadãos nacionais residentes em Portugal, com os custos comparticipados, tal como os provenientes dos Países de Língua Oficial Portuguesa (PLOP) e de outros países com acordos com Portugal. Os restantes têm igualmente o acesso a todos os cuidados de saúde, mas terão que suportar os custos na íntegra. Quanto aos imigrantes ilegais, se estes provarem estar em Portugal há mais de 90 dias (através de declaração da junta de freguesia, por exemplo), a Segurança Social também comparticipa os gastos com a saúde. Se não, os cuidados de saúde são assegurados, tendo o utente que pagar a totalidade dos custos. Em qualquer dos casos, a saúde materna, a saúde infantil ou as doenças infecto-contagiosas são tratadas com a comparticipação total do Estado português.

E os imigrantes ilegais não têm que recear deslocar-se a um centro de saúde ou hospital público, temendo o risco de serem identificados e expulsos do país? Em Portugal essa denúncia é ilegal. Ao contrário do que é prática aqui ao lado em Espanha, mas também por toda a Europa, onde é obrigatória a comunicação da situação por parte das autoridades de saúde ao Serviço de Estrangeiros, é ilegal o médico ou os serviços de saúde denunciarem esse tipo de situações.

Qual é a prática com os refugiados? Por cá o acesso é totalmente gratuito, uma grande conquista civilizacional e um sinal de maturidade política, cultural e de solidariedade, e acho escandaloso que haja quem não entenda que crianças e mães, que chegam à Europa em emergência, devam ter o direito aos cuidados de saúde de forma gratuita. Essa é uma situação que me choca particularmente, porque não consigo imaginar o que é sair de um país a fugir da guerra, muitas vezes com filhos, em situações precárias, e haver quem possa colocar em causa o acesso destas pessoas aos cuidados de saúde de forma gratuita nos países de acolhimento. E os refugiados do Médio Oriente, em particular da Síria, que sempre foi um país muito ocidentalizado, são gente muito qualificada e aberta. No entanto, já me aconteceu, sendo uma doente mulher, não querer que seja eu, um homem, a consultá-la. Mas isso também acontece, por exemplo, com portuguesas mais idosas.

Quais os tipos de patologias mais comuns que apresentam os imigrantes? As mais comuns são as doenças do foro hematológico como as talassemias ou as depranocitoses, entre outras, que são alterações nos glóbulos vermelhos que também nos protegem contra a malária. Sim, existe de facto uma especificidade. A Amadora tem, por exemplo, prevalências de tuberculose muito aumentadas em relação ao resto do país. E até seria negativo que essas prevalências diminuíssem, porque poderia sinalizar que não estavam a ser correctamente detectadas.

Essas doenças estão relacionadas com os países de origem? Sim, existem condições sociais associadas. Muitas crianças de segunda e de terceira geração, e dos PALOP em particular, apresentam patologias infecto-contagiosas inexistentes por cá. Curiosamente, muitos médicos vêm precisamente para a Amadora fazer internatos de Infecciologia e de Medicina, porque há prevalências de patologias na Amadora que não existem em mais nenhum sítio de Portugal, nem provavelmente da Europa.

É fácil a adaptação dos imigrantes à medicina portuguesa? A par da vivência da doença temos o acesso à informação e à cultura. A forma como um guineense vê a tuberculose, não é a mesma de um português, tal como um chinês vive uma patologia oncológica de uma forma distinta da de um ocidental. O maior e principal problema é a dificuldade brutal de comunicação. Eu tenho doentes que ficam imensamente felizes por poderem falar comigo em inglês, as nigerianas, por exemplo, mas também tenho indianos que não ▷

falam inglês e sem uma língua comum não é fácil… e aí há muito a melhorar.

Mas existem linhas telefónicas de apoio, de tradução para estas situações... Existem na ARS [Administração Regional de Saúde] e na ACSS [Administração Central de Sistemas De Saúde], bem como nos centros de apoio e integração de imigrantes. Eu tentei já por algumas vezes utilizar esses serviços sem qualquer sucesso, ao contrário do que me dizem alguns colegas, mas a operacionalidade e a logística são muito complicadas por cá. Existem ainda muitas dificuldades burocráticas a ultrapassar no acesso dos imigrantes aos cuidados de saúde e esses entraves são conhecidos pelas autoridades de Saúde, até num estudo de 2015 em que estes problemas estão bem identificados.

Como é lidar com a medicina tradicional chinesa ou a medicina africana baseada em crenças e religiões? Eu não acredito em medicina Ocidental ou medicina Oriental, mas na medicina baseada na evidência… O que é muito difícil é explicar a necessidade da toma de medicamentos a pessoas com quem não conseguimos comunicar. É interessante que os chineses recorrem cada vez mais à medicina baseada na evidência, trazendo muitas vezes à consulta um familiar ou um amigo que já fale português. E nenhum médico ocidental tem qualquer problema com a medicina oriental que está demonstrada. Por exemplo, a acupunctura tem efeito num conjunto de patologias, sendo até uma actividade reconhecida pela Ordem dos Médicos. O que me perturba é a ignorância e, no caso dos imigrantes, com a barreira da língua, é ainda mais difícil explicar aquilo que é a evidência quando se vive agarrado à tradição. Nas guineenses, por exemplo, a ablação do clitóris, a mutilação genital feminina, é uma práctica ainda muito comum.

Essa prática mantém-se, mesmo nos imigrantes de segunda e terceira geração? Infelizmente sim, e tem uma dimensão cultural brutal, que os médicos conhecem e devem denunciar na respectiva plataforma da ARS. Os médicos de família estão numa posição muito ingrata, porque quando denunciamos um conjunto de situações, perdemos o vínculo médico/doente. Eu tento alertar as minhas doentes guineenses para que a mutilação genital feminina é um crime em Portugal, o que infelizmente faz com que algumas delas não voltem depois à consulta. E custa-me continuar a ver pessoas de vinte e poucos anos a levar as filhas à Guiné para serem mutiladas.

A crescente comunidade muçulmana, por exemplo, tem incompatibilidades religiosas com a medicina portuguesa? Não sinto esses problemas e tenho até duas ou três famílias muçulmanas em que as doentes estão perfeitamente receptivas aos cuidados de saúde primários, como a saúde materna, o planeamento familiar ou a saúde infantil. Mais ainda, por vezes, do que as próprias portuguesas, em especial as que têm mais de 60 anos, ou menos de 25, o que é bastante chocante. Agora, sem dúvida, que os doentes mais agradecidos são os imigrantes, sejam eles dos PLOP ou de países de Leste, todos com um grande respeito pelo nosso trabalho, talvez por nunca terem tido acesso antes a cuidados de saúde relevantes.

"O maior e principal problema é a dificuldade brutal de comunicação"

"Os cuidados de saúde portugueses são de excelência, mas só tem essa noção quem vem de fora"

DR

Saúde com voz sénior

CRISTINA VIEIRA // No Verão de 2013, Maria José Gonçalves e Filipa Alves Coelho arregaçaram as mangas e criaram o Projecto Com Voz como resposta à exclusão da população sénior. "A sociedade olha os seniores como um grupo que já não produz, logo inútil, um peso, que consume reformas e cuidados de saúde. Mas são pais e avós, com uma vida de trabalho, pessoas válidas, inteiras e que, apesar das suas limitações físicas ou psicológicas, estão capazes de grande interacção", sublinha Filipa Alves Coelho.

Assim, nasceu um coro que pretende quebrar estereótipos associados à idade, bem como aproximar gerações e ocupar os tempos livres de uma forma menos convencional e que preserve a saúde mental dos aposentados. Frases com expressões como "no nosso tempo" não são proibidas, mas não têm lugar no grupo que quer apostar no "pop/rock em português" e "acima de tudo na felicidade, alegria e vida com emoção".

O Projecto Com Voz começou com dez elementos, sendo hoje um grupo de 35 pessoas entre os 58 e os 84 anos, que partilham o gosto pelo canto. Desde Outubro de 2013, que se reúnem para ensaiar no Estoril, no Centro Cultural Casapiano, sob a direcção musical de Pedro d'Orey, e a colaboração de uma banda não residente, mas presente nos concertos. "Por vezes não é fácil, pois há despesas fixas com o maestro e a banda e as instituições públicas e as empresas nem sempre dão respostas positivas aos pedidos de apoio. Mas queremos mostrar do que somos capazes, somos mais do que possam imaginar, somos aquilo que desejam ser quando tiverem a nossa idade", acrescentam a várias vozes.

Para Maria Teresa, 72 anos, foi um estímulo, "para não passar os dias todos em casa, assim não se pensa tanto nas doenças, convive-se mais e é sempre uma alegria quando se vai actuar". "Cantamos músicas que os filhos e os netos conhecem, que eu também ouvia e nunca pensei cantar", refere Maria Margarida, 70 anos, cuidadora do marido durante onze anos, sete dos quais em cadeira de rodas, e que diz ter ganho no coro "uma força especial para continuar a viver, muito gratificante". Carlos Borges Ferreira, 58 anos, é o benjamim do coro, quase desde o início, "não propriamente por estar 100% no público-alvo, mas pela ideia de alimentar os dias com música, festa e objectivos".

Confiantes na qualidade das suas propostas, não desistem do seu coro que já pôs plateias de pé a dançar e a cantar como no seu primeiro concerto para os alunos da Casa Pia, na sua maioria adolescentes, no início desconfiados com o programa mas que "no final da segunda música pareciam conquistados pela energia contagiante" dos mais velhos. "Quando conseguimos aproximar a plateia do grupo tudo muda…Tudo faz sentido!", refere Filipa Alves Coelho. Que o diga Maria Adelina Coelho, 74 anos, mãe de Filipa, que com o marido, ambos aposentados, querem "aproveitar ao máximo este tempo" mais livre. E recomenda: "Faz-nos bem cantar, dançar e estar em palco, adoro… o recente espectáculo do coro na Assembleia da República foi um sucesso!"

Ambientes amigáveis

// Em 2015, a Organização Mundial de Saúde (OMS) introduziu um novo conceito do envelhecimento saudável que define como "o processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar em idade avançada". A criação de ambientes amigáveis para todas as idades, bem como a adequação dos sistemas de saúde às necessidades das pessoas idosas e o desenvolvimento de sistemas de cuidados de longa duração são uma necessidade crescente para um envelhecimento saudável.

Afinal, os factores que influenciam a saúde das pessoas idosas (diferentes entre si) são tanto individuais (comportamentos, alterações relacionadas com a idade, fatores genéticos e doenças) como relacionados com o seu ambiente (habitação, tecnologias de apoio, transportes e serviços e apoios sociais e de saúde).

Em Portugal, o número de pessoas com mais de 65 anos ultrapassa os 2 milhões (586 mil das quais ultrapassa já os 80 anos). E, segundo os dados do INE de 2006, a população idosa deverá praticamente duplicar ao longo dos próximos 40 anos, prevendo-se que represente 32% do total da população residente em Portugal em 2050, enquanto a população jovem rondará 13%.

A OMS, atenta ao crescente número de idosos, aposta no envelhecimento activo, já que o limite cronológico dos 65 anos marca o início da velhice nos países desenvolvidos. CV

Bodas de ouro sobre o Tejo

UMA PONTE AMERICANA EM LISBOA LISBOA E ALMADA FICARAM MAIS PRÓXIMAS EM AGOSTO DE 1966, QUANDO A AGORA CHAMADA PONTE 25 DE ABRIL NASCEU NO ALTO DOS SEUS 70 METROS ACIMA DO RIO TEJO. EM 1999, O SEU TÃO SONHADO COMBOIO REFORÇOU A EXPLOSÃO URBANÍSTICA NA MARGEM SUL E APAGOU AS MEMÓRIAS DE UM "BUZINÃO" CAVAQUISTA

POR **ANTÓNIO PEDRO SANTOS** (TEXTO E FOTOS)

Há memórias que o tempo não apaga e alguns sonhos nascem para se cumprir. A empresa norte-americana United States Steel Export Company ganhou os direitos de construção, vinte e cinco anos depois de ter enviado para Portugal um primeiro plano para uma ponte suspensa no rio Tejo. Eleutério Serrano, reformado, tinha 21 anos quando o sonho de Salazar se concretizou a 6 de Agosto de 1966, um "sábado de sol" como relatava o Diário de Notícias: unir por uma ponte as duas margens do Tejo entre Lisboa e Almada. "Lembro-me perfeitamente da construção, da chegada dos dois pilares, do tabuleiro a crescer aos poucos, mas principalmente, do dia da inauguração. Estava em casa com os meus pais e os meus tios, colados à televisão, a ver o que na altura foi um acontecimento extraordinário". À semelhança de Eleutério, cem milhões de pessoas viram pela televisão por toda a Europa a inauguração da que seria a maior ponte do continente. "Dou graças a Deus e declaro aberta ao tráfego e ao serviço da nação a Ponte Salazar", assim ficaram para a História as palavras do cardeal Cerejeira, a quem coube a honra de assinalar o momento solene do "grande símbolo do futuro".

Salazar não escondia o orgulho pela obra feita em apenas quatro anos. Até ao 25 de Abril de 1974 a obra ficou conhecida pelo seu nome, até que "gente sem autoridade moral, e através de um enorme abuso, decidiu alterar o nome da Ponte", queixa-se Eleutério.

E prossegue: "As pessoas da minha idade não dizem Ponte 25 de Abril, dizem Ponte sobre o Tejo… para não sermos mal interpretados".

O primeiro automóvel a circular ao longo dos quase 2,3 quilómetros do tabuleiro foi um carro da Polícia de Viação e Trânsito, que acompanhava o carro onde seguia a mulher do Presidente da República Américo Tomás, além da viatura de Salazar. Só horas mais tarde é que o tráfego foi aberto ao povo. Estima-se que no primeiro dia tenham passado cerca de 50 mil automóveis pela travessia rodoviária, menos 100 mil do habitual nos dias de hoje. A portagem estava localizada no sentido Lisboa-Almada, com apenas cinco locais de cobrança.

"A sensação das pessoas que ali passavam pela primeira vez era de medo, mas também de estupefacção por verem uma paisagem conhecida através de uma perspectiva diferente", recorda Eleutério. No dia seguinte ao da inauguração toda a família se fez à estrada para pela primeira vez passar o Tejo para Almada sem ser através de um *ferry-boat*. "Antes eram precisas umas duas horas para chegar a Almada; com a Ponte nem 20 minutos. Uma maravilha!"

A construção de uma ponte sobre o Tejo era um plano antigo do Governo português, mas apenas nos anos cinquenta é que foram dados passos efectivos nesse sentido. Na época custou aos cofres do Estado português dois milhões e 200 mil contos (cerca de 11 milhões de euros). "E 10 ou 15 anos depois Salazar tinha a ponte paga aos americanos, não é como agora estes trafulhas todos que para aí andam, que é só pôr ao bolso", refere Eleutério.

Ao longo dos seus quase 50 anos de história, a Ponte 25 de Abril viveu momentos marcantes como aquele 24 de Junho de 1994 em que os irmãos Pinto saíram do anonimato para em nome do povo português organizarem uma acção de protesto contra o aumento do valor da travessia de 100 para 150 escudos (50 para 75 cêntimos de euro). Vários camionistas imobilizaram os seus pesados veículos ao longo do tabuleiro e no acesso à ponte, dando origem a uma violenta repressão por parte das autoridades, com várias detenções e dezenas de feridos. Apesar do episódio que ficou conhecido como "buzinão", o Governo de Cavaco Silva não recuou e as portagens aumentaram mesmo com a justificação de amortecer os custos da construção da Ponte Vasco da Gama.

Quatro anos antes, com o significativo aumento do tráfego, a travessia ganhou uma solução de recurso com a abertura de uma quinta faixa, no lugar onde antes estava o separador central. Era uma via reversível, funcionando de manhã no sentido norte e para sul ao fim da tarde. Ficou conhecida como "véu da noiva", pela pintura do piso em branco.

Ainda que tivesse sido previsto desde o projecto inicial para suportar em simultâneo tráfego rodoviário e ferroviário, só em 1999 é que os comboios começaram a circular na Ponte. As obras obrigaram a um sólido reforço da estrutura com a colocação de um segundo cabo de sustentação, além do aumento de mais uma faixa de rodagem.

A ponte é uma passagem

Diariamente passam cerca de 150 composições na ponte, transportando mais de oitenta mil passageiros por dia. Ricardo Mota, 40 anos, atravessa a ponte todos os dias com o mesmo encanto da primeira vez. Ao seu lado leva sempre a bicicleta, sem qualquer agravamento no bilhete. "Antes era de doidos fazer o mesmo percurso de Cacilhas até Picoas, onde trabalho. Tinha de apanhar um autocarro, depois o barco e ainda o Metro. Agora demoro menos de metade do tempo e só gasto dinheiro no comboio. O resto do percurso faço de bicicleta". Ricardo é um apaixonado pela "ponte americana" e pela paisagem. "A minha mulher costuma gozar comigo por quase todos os dias ir a fotografar no primeiro piso, mas é irresistível. No Inverno é fantástico ver o pôr-do-sol às seis da tarde, no caminho de regresso a casa. O comboio na ponte foi a melhor coisa que fizeram."

As consequências resultantes da construção da travessia verificaram-se na explosão urbanística da margem Sul, estimulando ao mesmo tempo o crescimento económico e turístico do Algarve, com a criação da auto-estrada A2. Tal como vários milhares de lisboetas, Eleutério também acabou por trocar a capital pela margem Sul. "Sou do tempo em que Almada parecia uma aldeia, as pessoas praticamente conheciam-se todas. Com a Ponte, todo este lado mudou radicalmente. O Salazar é que tinha razão quando falava no progresso, porque apesar de vivermos fechados dentro do nosso país e da repressão, ele sabia o que fazia. " Afinal, ainda a Ponte 25 de Abril "era uma criança" e já a letra da música *pop* da banda Jafumega ecoava esse "desafio pairando sobre o rio/a ponte é uma miragem/há um navio fantasma/na voz de uma peixeira/e um velhote com asma/mente à própria ribeira/a ponte é uma passagem/prá outra margem".

ILUSTRAÇÃO: NUNO MARQUES

“Neste bairro a qualquer hora do dia habita o mundo”

VIAGEM À MOURARIA PELA MÃO DO ILUSTRADOR NUNO SARAIVA

UM LUGAR PARA TODOS, UM COMÉRCIO RENOVADO E MULTICULTURAL, UM CORPO DE BAILE QUE FESTEJE A VIDA SÃO APOSTAS QUE A ARTE URBANA PODE ILUMINAR NUMA CIDADE RENOVADA

POR **MARIA PESSOA** (TEXTO E FOTOS)

Quem atravessa as velhas ruas da Mouraria e escuta tantas línguas diferentes, graças a todos os imigrantes que ali residem ou animam negócios, descobre que as suas gentes estão vivas. Associações alternativas, projectos comunitários locais e nacionais trabalham diariamente juntos para a valorização da riqueza humana deste bairro cheio de memórias e desafios.

Afinal, “descobrir o bairro da Mouraria é viajar pelas origens de um dos países mais antigos da Europa, desde os tempos medievais da fundação de Portugal, passando pelo Renascimento e as viagens dos navegadores da Coroa Portuguesa por novos mundos, até aos dias de hoje”, sublinha o ilustrador Nuno Saraiva, autor de vários murais no bairro. Membro voluntário da Associação Renovar a Mouraria, em cujo jornal, Rosa Maria, publica a série “A vida em rosa”, a sua assinatura está presente em praticamente toda a imprensa escrita portuguesa, desde os semanários O Independente, Expresso e Sol como no desportivo Record, no jornal Público e na *Time Out* Lisboa.

Mas agora o seu foco passa também por promover o comércio do bairro da Mouraria através, fundamentalmente, da aquisição e incremento das competências dos negócios locais em termos de comunicação e imagem. São os Retalhos do Comércio de um Bairro, um projecto promovido pela Associação Renovar a Mouraria, em parceria com a Associação Gerador, IADE – Instituto de Arte, Design e Empresa e a Associação Portugal Bangladesh ▷

Basta seguir os passos de Nuno Saraiva e descobrir o mural das escadinhas de São Cristóvão para perceber o seu envolvimento com os ícones daquelas paragens e responder à iniciativa do colectivo Os Amigos de São Cristóvão. Em jeito de banda desenhada está o arco que sustenta o miradouro das Portas do Sol (que tem uma vinheta livre para ser desenhada pela filha do ilustrador, sobre a história de Lisboa). Os cavalos correm à volta do Palácio do Correio-Velho

Frendship, inserido no programa BIP ZIP 2015 da Câmara Municipal de Lisboa (que privilegia zonas urbanas de intervenção prioritária).

"No concreto, aposta-se na divulgação de uma rede de lojistas materializada num portal do comércio da Mouraria e na implementação de uma dinâmica de grupo entre os lojistas que passe, por exemplo, por encontros periódicos por ruas ou por temáticas que podem ser visitadas. Desta forma, está-se a concorrer para o duplo objectivo de promover a marcar "Comércio da Mouraria" e criar um grupo de pressão que possa ajudar a resolver muitos dos problemas externos, identificados no bairro como inibidores de desenvolvimento do comércio", defende a Associação Renovar a Mouraria, da qual Nuno Saraiva se tornou também cúmplice.

"Entre vários artistas convidados optei por desenhar a [fadista-ícone] Maria Severa, uma sardinha descarada, o [fadista] Fernando Maurício e o padre Edgar Clara", mostra Nuno, enquanto já segue para o mural da Travessa da Mata, ao Correio-Velho, uma sequência inspirada nos cavalos de Etienne-Jules Marey, fotógrafo do século XIX e um dos pioneiros do cinema de animação. "Quis recriar o reboliço que se vivia à volta do Palácio do Correio-Velho, com uma expedição de cavalos ao serviço da mala-posta Real", refere o ilustrador sobre este projecto promovido pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior também em parceria com a Associação Renovar A Mouraria e com o apoio das Tintas CIN.

Finalmente, revela um outro mural ilustrado "a jeito de banda desenhada", promovido pelos mesmos parceiros, no Arco que sustenta o miradouro das Portas do Sol, à rua Norberto Araújo (mais conhecida como Cerca Moura). "Não há moral neste mural ilustrado sobre a minha interpretação da História de Lisboa, é uma visão pouco politicamente correcta, porque a História é feita de conflitos e revoluções", sublinha e o seu traço e ironia das legendas contam o resto.

Livre acesso de todos à cultura

Outros projectos agitam os dias da Associação Renovar a Mouraria que quer lançar a Orquestra Batucaria, com corpo de baile, inspirada nas tradições afro-brasileiras, e que pretende espelhar toda a diversidade cultural presente no território, atrair crianças e jovens locais, com a construção e prática de instrumentos musicais. "Mais do que uma orquestra, a Batucaria é uma partilha de saberes, de culturas e tradições, onde se realizarão oficinas para a construção dos instrumentos e oficinas de formação em música, dança e canto, a composição das letras das suas músicas, numa acção educativa também com as famílias, oriundas de mais de 50 nacionalidades", referem os promotores.

Um desafio que pode subir ao Palco Planisfério, outro projecto destes "renovadores" que querem mostrar músicos emergentes que representem a diversidade cultural do bairro a diferentes públicos desde moradores, turistas, imigrantes, crianças, jovens, adultos, e pessoas mais velhas, num registo de "momentos vividos em família", já que os concertos se realizam às 19h, garantindo, assim também, o acesso gratuito a formas de expressão musical do circuito alternativo, em contraposição aos circuitos comerciais.

entrevista
Edgar Clara

Idade | 40 anos

Vocação | Padre

"A arte ajuda a descansar a alma da cidade"

VENDA DE BISCOITOS OU DE TELHAS À PORTA DA IGREJA, ARRAIAIS OU NOITES DE FADO NO ADRO. A IDEIA É FAZER CHEGAR MAIS PERTO DO CÉU A ORAÇÃO QUE PODE SALVAR UM NOTÁVEL PATRIMÓNIO BARROCO, HÁ MUITO AMEAÇADO, E QUE HOJE SE QUER PARTILHADO

POR **EUSTÁQUIO AMARAL** (TEXTO E FOTO)

Quem conhece o espírito empreendedor do padre Edgar Clara não se surpreende com a sua aposta na igreja de São Cristóvão. Em tempos de austeridade, decidiu apelar aos seus paroquianos para financiar uma obra orçada em um milhão de euros e que acredita concretizar nos próximos dois anos. Capelão no Hospital de Egas Moniz dirige 12 igrejas e as paróquias de Alfama, Castelo e Mouraria. Afinal, já foi porta-voz do Patriarcado de Lisboa, viveu "experiências incríveis" quando o Papa Bento XVI veio a Portugal, soma à sua formação teológica uma licenciatura na Escola Superior de Comunicação Social e a memória de um treino prático no Cenjor.

Como surge esta sua cruzada para a reabilitação da igreja de São Cristovão ? Uma das coisas que constatei quando cá cheguei foi que a igreja necessitava de ser reabilitada tanto nas suas telas interiores como nos seus telhados, nas paredes e em quase todo o edifício. Num momento de crise, soube que teria de pedir dinheiro a quem tem dinheiro. A minha campanha baseou-se mais ou menos nesta teoria: não vou pedir um milhão de euros a uma só pessoa, vou pedir um euro a um milhão de pessoas. E procurei desenvolver um projecto de marketing cultural que trouxe pessoas para a igreja e, assim, já reunimos 140 mil euros, fruto do entusiasmo das pessoas que participaram em diferentes actividades. Através da arte contemporânea podemos também nós próprios ajudar as pessoas a descansarem a alma. Para a recuperação das telas vamos precisar de cerca de 350 mil euros, que espero conseguir no próximo ano, sendo que na fase seguinte, vamos focar esforços para a mudança da instalação eléctrica e da iluminação.

MARIA PESSOA

Acredita que vai conseguir o milhão de euros que necessita? É um projecto de longo prazo… não vamos conseguir um milhão de euros amanhã nem a visita de um milhão de pessoas num dia só, mas a pouco e pouco as pessoas chegarão até nós. E, por isso, temos tido várias iniciativas para pôr São Cristóvão na boca de toda a gente. Com a cozinha popular da Mouraria criámos um biscoito chamado São Cristóvão. Quando as pessoas vêm à igreja, compram o biscoito e, assim, também levam alguma coisa de cá. A partir de um biscoito, toda gente fala, toda gente saboreia São Cristóvão.

Em Agosto do ano passado realizámos um restauro ao vivo, com a participação das pessoas atraídas pelo desejo de observar as técnicas de restauração e limpeza das peças de arte. Houve noites de fado com ajuda dos próprios artistas. Com o apoio da Junta de Freguesia organizou-se um arraial e angariámos cinco mil euros. A iniciativa maior foi a venda do telhado. As pessoas vêm, compram uma telha, personalizam-na com a sua assinatura, um retrato, uma oração, uma mensagem a seu gosto, e comprometemo-nos a colocar essa telha na cobertura. Existe uma identificação com a obra que deixa de ser um projecto de um padre, de uma comunidade pequena, mas de um país inteiro, tem vindo gente de Braga, do Porto, de todo o lado para deixar o seu donativo.

A igreja de São Cristóvão é um notável edifício barroco... O encanto desta Igreja é que ao longo dos seus cerca de 350 anos nunca deixou de manter o seu traço. As telas e a talha dourada são da mesma época sem terem sofrido alguma alteração significativa. Sentimo-nos quase abraçados por esta igreja, absolutamente barroca em todo o seu esplendor, com focos de luz direccionados para diferentes personagens como Santo António de Lisboa, São Tomás de Aquino e São Francisco Xavier, doutores da igreja, e, lá em cima, toda a vida de São Cristóvão e um hino eucarístico de São Tomás de Aquino chamado Aldaccione. A igreja anterior [Santa Maria de Alcamim] teve dois incêndios e foi mandada construir no final do século XVII, por volta de 1680. D. João Duarte, arquitecto e padre, pediu ao pintor Bento Coelho da Silveira, um pintor régio, que pintasse 35 telas que ainda hoje se encontram aqui. São panos pintados com molduras de ouro, ou talha dourada, que hoje não conseguimos admirar. Por isso estou ansioso por alcançar uma verba de 350 mil euros para todos poderem ver aquilo que eu sei que lá está. Quando tivermos a iluminação focalizada para cada uma das pinturas isso será possível.

Para além desta campanha, a igreja conta com apoio camarário para a sua reconstrução? Este projecto começou com um subsídio 75 mil euros através do orçamento participativo da CML. Com esta verba concebemos a comunicação e contratámos artistas que vieram à igreja fazer um conjunto de intervenções, desde um bailado sobre a morte de S. José, baseado num quadro que temos na sacristia em que está Jesus agarrado a S. José, no seu leito de morte. Também tivemos a participação do belga Francis Alice através de um projecto de vídeos sobre a caminhada de São Cristóvão, o padroeiro das viagens.

O escultor Rui Chafes, que há um mês e meio ganhou o Prémio Pessoa, adoptou cada espaço da igreja e deixou-nos a sua própria obra internacionalmente reconhecida. A sua "Ascensão", nessa escada de metal no centro de tudo, uma réplica com as mesmas marcas da original, como os degraus gastos pelo peso da história, com tanta gente a subir e descer. Está suspensa porque o autor quis dar uma ideia de ascensão, que as coisas que baixam também se elevam. No fundo é a imagem deste nosso projecto.

O refugiado que escolheu Portugal

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN COMEMORA 60 ANOS EM PORTUGAL CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN PASSOU POR PORTUGAL EM 1942 COM DESTINO A NOVA IORQUE. APAIXONOU-SE QUASE DE IMEDIATO PELO PAÍS, ESTABELECEU RESIDÊNCIA NO HOTEL AVIS E DECIDIU FICAR POR CÁ. HOJE, O SEU ESPÓLIO CONTINUA A MOLDAR GERAÇÕES

POR **MÁRIO JORGE ALMEIDA** E **CARLOS CARVALHO** (TEXTO E FOTOS)

Este ano o prémio Gulbenkian distingue pela primeira vez uma organização ambiental, a Fundação Amazonas Sustentável

À semelhança de muitos outros companheiros de infortúnio, também ele fugia dos horrores da Segunda Grande Guerra Mundial. Graças à sua decisão de permanência por cá, Portugal deve hoje a este filantropo e homem de negócios de origem arménia, contributos inigualáveis nas áreas da cultura, arte, educação e ciência.

Criada por disposição testamentária após a sua morte, em 20 de julho de 1955, a fundação que tem perpetuado ao longo do tempo o nome de Calouste Gulbenkian, comemora por estes dias 60 anos de existência. A efeméride ficará marcada por um diversificado programa cultural que aposta na celebração do início do Verão e que num verdadeiro convite à "ocupação" dos jardins da Fundação, desenhados pelo também pioneiro arquitecto-paisagista Gonçalo Ribeiro Teles, incluirá música, dança, cinema, exposições, *workshops*, conferências e sessões de leitura.

Não foram esquecidas as origens do fundador, razão pela qual se encontram também previstas no programa comemorativo várias atividades de divulgação da história e cultura do povo arménio.

Neste campo, a atuação dos *Collectif Medz Bazar*, um grupo musical de jovens parisienses com raízes arménias, invadiu os relvados dos jardins da Fundação nas tardes de 2 e 3 de julho, entusiasmando um número considerável de espectadores que, sentados ou deitados, vibraram com os ritmos arménios propostos por esta descontraída trupe em dois concertos ao ar livre.

A reter sem dúvida, não apenas o nome *Collectif Medz Bazar* mas também os nomes de Ezgi Sevgi Can (clarinete/saxofone), Raffi Derderyan (percussão), Shushan Kerovpyan (contrabaixo), Vahan Kerovpyan (bateria), Elâ Nuroglu (percussão), Sevana Tchakerian (acordeão, shvi) e Violete Boulanger (violino). Nestes Jardins de Verão, a maioria dos temas interpretados pelo grupo arménio foi introduzida por Raffi Derderyan num português repleto de sotaque francês que talvez indicie uma provável ascendência também portuguesa.

▸▸ CULTURA MÓVEL **Em 1953 Branquinho da Fonseca, conservador-bibliotecário do museu-biblioteca do conde Castro Guimarães, em Cascais, iniciou o serviço de bibliotecas móveis em Portugal. Cinco anos depois, a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) adotou a ideia e criou um serviço similar, abrangendo todo o território nacional, incluindo os arquipélagos, que o próprio Branquinho da Fonseca dirigiu até 1974. Em 1958 começaram por**

circular 15 carros-bibliotecas, na região de Lisboa e litoral. Em 1972, quando já dispunha de 62 bibliotecas itinerantes e 166 fixas, a FCG concluiu essa missão do Serviço de Bibliotecas Itinerantes (SBI). Após o 25 de Abril o SBI reinventou-se na nova dinâmica cultural. A partir de 1987, com o arranque e progressiva implementação do Programa Nacional de Leitura Pública, o SIB, foi perdendo importância até que, em dezembro de 2002, foi então extinto. MJA E CC

▸▸ UMA BIBLIOTECA *VINTAGE* EM TERRAS AFRICANAS **A fundação Calouste Gulbenkian estendeu a sua influência no denominado Portugal Ultramarino. Na cidade da Beira, em Moçambique, foi responsável pela criação da Biblioteca Municipal da cidade.**

A biblioteca sobreviveu aos conturbados anos da independência e da guerra civil, e ainda hoje, num Moçambique já distante dos tempos coloniais, mantém as portas abertas ao serviço da cultura, embora

a degradação do espólio bibliográfico e a sua quase inexistente renovação remetam o edifício a uma cada vez menos concorrida utilização.

Hoje, a pesquisa de informação pode estar aparentemente mais acessível no espaço cibernético, mas o espólio desta resistente biblioteca marca a memória de gerações de utilizadores que mergulharam nas raízes africanas do país pela mão dos historiadores moçambicanos. MJA E CC

Arquitetura e tecnologia à beira rio

MAAT A marginal do Tejo em Belém verá dentro de três meses a nova proposta cultural de Lisboa a funcionar na sua totalidade. Para já, e até outubro, apresenta quatro exposições temporárias na Central Tejo

TIAGO PARENTE // Chegou, em tempos, a abastecer de eletricidade a capital que ilumina há décadas ao acolher inúmeros percursos artísticos. Propriedade da Fundação EDP, a Central Tejo foi uma central termoelétrica, descontinuada em 1975 e marco da arquitetura industrial portuguesa do início do século XX, que serviu desde 2006 como Museu da Electricidade. Agora, após requalificação, o edifício mantém a identidade industrial mas passa a fazer parte do Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT). O museu, inaugurado a 30 de Junho e dirigido pelo excurador do Museum of Modern Art de Nova Iorque, Pedro Gadanho, pretende refrescar culturalmente a capital portuguesa, apostando na ligação da arte com a tecnologia e fazendo parte do circuito de exposições itinerantes internacionais, sendo esperadas cerca de 20 exposições por ano.

Para além da antiga central energética, o MAAT contará em Outubro com um segundo edifício desenhado pelo ateliê da arquiteta britânica Amanda Levete (AL_A) que ainda se encontra a ser concluído. O complexo terá aproximadamente três mil metros quadrados e quatro galerias (Galeria Principal, Galeria Oval, *Video Room* e *Project Room*) distribuídas numa estrutura de linhas curvas, com uma pala a cumprimentar o Tejo, antevista pela simulação visual do projeto. Está também prevista a união dos dois pólos por via de um parque com desenho do arquiteto paisagista Vladimir Djurovic, assim como uma nova ponte pedonal sobre a linha férrea e um restaurante.

Na galeria Central 1, onde é exibida *Lightopia*, criação do alemão Vitra Design Museum, é pensado o papel e história da luz artificial. A exposição é introduzida por uma mapa mundial a ocupar a totalidade de uma parede onde são marcadas as regiões de maior intensidade luminosa do globo. Conta com cerca de 300 obras, entre fotografias, candeeiros, lâmpadas e projeções de luz. Lá está também *Chromosaturation* de Carlos Cruz-Diez, uma divisão da galeria onde é criado um ambiente imersivo composto por câmaras monocromáticas de azul, verde e vermelho.

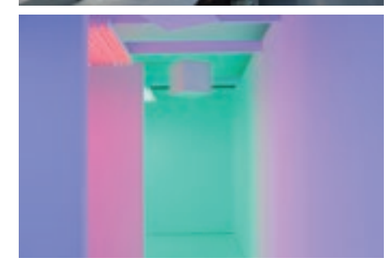
Para a Central 2, Luísa Especial e Pedro Gadanho trazem o primeiro de vários olhares temáticos sobre a Coleção de Arte da Fundação EDP. Sob o nome "Segunda Natureza", agrupam-se por várias salas cerca de 30 obras, unidas pelo pensamento sobre a relação dinâmica entre a natureza e humanidade.

A Sala das Caldeiras é o espaço mais atípico do museu. Preserva ainda toda a maquinaria do passado industrial, com caldeiras de alta pressão e tubagens metálicas a caracterizar o ambiente, fazendo parte da exposição permanente do museu. Foi o local escolhido para servir de plataforma de exposição do programa *Artists' Film International*, um projeto iniciado pela *Whitechapel Gallery* de Londres que coloca em contacto instituições de 16 países que individualmente selecionam um trabalho de um artista do seu país, dedicado ao vídeo ou animação, e o partilham com as outras entidades. Tendo o cruzamento da arte com a tecnologia como temática, estão expostos nove dos 16 trabalhos do programa.

Durante três anos o fotógrafo Edgar Martins efetuou uma pesquisa no Instituto de Medicina Legal de Lisboa. A partir da recolha de milhares de fotografias e negativos e do seu próprio arquivo pessoal resulta e exposição Silóquios e Solilóquios sobre a Morte, a Vida e Outros Interlúdios, exibida na sala Cinzeiro 8, numa seleção de imagens com fragmentos de histórias específicas, que retratam diferentes quadrantes do tema "morte" e da atividade forense, entre rostos, corpos, locais e objetos.

Para Outubro, estão já assegurados os projetos *Utopia/Distopia* de Dominique Gonzalez-Foerster, *The World of Charles and Ray Eames*, organizada pelo centro *Barbican* de Londres e as exposições da Trienal de Arquitetura de Lisboa.

Após a requalificação, o edifício da Central Tejo mantém a identidade industrial mas passa a fazer parte do Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT)



FESTIVAIS DE VERÃO COM MENUS DE LUXO

// Este ano, os festivais portugueses de Verão estão a bater records ao juntar mais de 516 mil espectadores, mais 106 mil que em 2015, de acordo com números divulgados pelas suas organizações. Líder com a maior fatia, a 10ª edição do *NOS Alive*, viu mais 10 mil pessoas aplaudir os Pixies, os Radiohead e os M38 no Passeio Marítimo de Algés. O evento, marcado pela primeira vez pela presença do fado, foi considerado pelo canal norte-americano *CNN* um dos 10 melhores festivais do mundo da temporada 2016 e acolheu 165 mil pessoas nos três dias, com mais de 31 mil participantes estrangeiros na abertura. Em segundo lugar, surge o festival *RFM SOMNII* na Figueira da Foz, com um recorde de 100 mil pessoas. Já o *Marés Vivas*, na Praia do Cabelo, Vila Nova de Gaia, recebeu 90 mil festivaleiros, igual número do ano passado, com Elton John e James no alinhamento. Logo a seguir está o *Primavera Sound*, que em Junho, levou 80 mil (mais 3 mil que em 2015), ao Parque da Cidade, no Porto, para ver Sigur Rós e PJ Harvey. Já o *Super Bock Super Rock* manteve a sua média de 56 mil pessoas e encerrou o evento com a lotação esgotada no Parque das Nações, em Lisboa, com actuações de Iggy Pop e Hendrick Lamar. O *Summer Fest* levou à Ericeira, em Junho, cerca de 25 mil pessoas e o *EDP CoolJazz* trouxe este mês aos Jardins do Marquês de Pombal, em Oeiras, Marisa Monte e Carminho, além de Jill Scoot, The Cinematic Orchestra e Seal.

EUSTÁQUIO AMARAL

Parelhas cúmplices

P4 GALLERY Uma exposição reflexiva numa galeria que se reinventa juntando artistas, coleccionadores e apreciadores de arte

JOSÉ PAES (TEXTO E FOTOS) // "Este trabalho tem como ponto de partida o questionamento sobre o que será realmente nosso. A relação entre o eu (sujeito) e a matéria e do I-Material que envolve essas relações. É um convite à reflexão sobre como essas relações operam e transformam o ser", esclarece o autor do projecto, Carlos Gote Matoso.

Natural do Barreiro, profissional na área do desenho técnico de engenharia e arquitectura com formação em várias áreas da fotografia desde a técnica, história e estética, aposta na desconstrução da relação de cada um de nós com os objectos que nos fazem os dias.

Assim, tem desenvolvido duas perspectivas, a Série Objectos e a Série Verde, uma particular e outra geral, num jogo de relações entre o eu e a matéria, evocando o imaterial que envolve esta relação.

Na Série Objectos, cada imagem é acompanhada de um texto que procura dar relevância ao imaterial presente no objecto. "O quanto de outro ou outros decidimos manter em nós. Esta série é uma reflexão sobre como nos edificamos na interioridade, no jogo relacional de Material -Imaterial; Eu-Outros; Interior-Exterior", como sublinha o autor na folha de sala (recuperando esse suporte para uma caminhada mais próxima nas intenções do autor).

Em paralelo, os textos que acompanham as fotografias (em parelhas cúmplices) são breves apontamentos sobre essas camadas menos visíveis da imagem e são um convite à reflexão sobre a relação entre a linguagem verbal e a linguagem visual.

O jogo com o visitante propõe ainda uma dupla revelação, já que as imagens co-habitam com os textos, e estes estão escondidos por um véu, não impondo a sua leitura. A proposta exige a participação do público, uma vez que requer um gesto por parte do interlocutor e convoca a vontade de conhecer a totalidade da obra e a repetição deste gesto simboliza o grau de envolvimento com as imagens.

I-Material é um projecto fotográfico composto por 27 imagens que deu origem a dois objectos: objecto-caixa-projecto-fotográfico e o objecto-livro-projecto-fotográfico

CASA DE ARTISTAS

// A P4 Gallery pretende ser uma casa que albergue artistas, coleccionadores e apreciadores de arte, um ponto de encontro aberto ao debate, à admiração e à comercialização de objectos artísticos. Fundada em 2006, como leiloeira, por Luís Trindade, depois da sua actividade na contígua Pequena Galeria, hoje a P4 aposta na promoção de novos artistas de várias expressões contemporâneas que cruza com a exposição de obras de artistas consagrados. Nesta exposição apresenta-se um conjunto de seis pares imagem-texto da Série Objectos, de Carlos Gote Matoso. JP

P4 Gallery (Av. 24 de Julho, 4B, Pateo da Ribeira, 12)-17h/2Oh, de 2ª a 6ª Pequena Galeria (Av 24 de Julho, 4C)

Pontos de vista com arte

NUNO MARQUES (TEXTO E FOTOS) // "Criar Lisboa" foi o mote repetido, fruto do sucesso das edições anteriores deste projeto da Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC), no qual este ano o tema dos miradouros permitiu valorizar a panorâmica sobre o Tejo, proporcionando assim uma perspetiva de "cidade alargada": por um lado, as colinas de Lisboa; por outro, o rio e a emblemática Ponte 25 de Abril.

Os embaixadores da cidade foram os miradouros de Santo Amaro, do Monte Agudo e do Largo das Necessidades que cruzaram a sua oferta arquitetónica e botânica com os projetos de Pedrita e Ricardo Jacinto num sensitivo "Pavilhão", de Luís Varatojo, no conceptual "Miratron" e de Fernando Estevens e Marta Miguel na ilusão do "Escópio", três verdadeiras ferramentas de exercitar os sentidos.

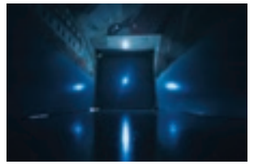
Os três projetos artísticos em mostra, cada um com um orçamento global máximo de 12 500 euros, revelaram-se propostas ganhas tanto na adesão como na promoção de uma cidade cada vez mais táctil, dada a experiências artísticas cosmopolitas para públicos diversificados que requerem uma oferta autêntica e contemporânea.

"PAVILHÃO" MIRADOURO DE SANTO AMARO
Com uma vista privilegiada para a ponte 25 de Abril e assente no adro da Ermida que leva o nome daquele santo, a instalação de um painel de azulejos industriais portugueses, parabólico, baseado numa imagem espectrográfica da textura sonora da ponte, decomposta em 2816 fragmentos, funcionou como uma espécie de radar acústico e permitiu ao visitante focar a experiência daquela paisagem *in loco*.

"MIRATRON" MIRADOURO DO MONTE AGUDO
Situado num dos miradouros mais altos da cidade, com uma panorâmica abrangente, surgiu um instrumento musical vocacionado para esse meio, com capacidade para produzir e sintetizar uma imensa variedade de sons inspirados pela panorâmica ou tocar um repertório de música eletrónica original imaginada para o pôr-do-sol. Assim se "vivificou os impulsos sonoros em luz" transformando o miradouro numa rara pista de dança.

"ESCÓPIO" – MIRADOURO DO LARGO DAS NECESSIDADES

// Situado junto ao Ministério dos Negócios Estrangeiros este miradouro histórico, paralelo aos clássicos roteiros turísticos, acolheu uma instalação de uma câmara escura à escala humana onde o espetador era convidado a entrar para uma experiência simulada. A paisagem apresentada pelo "Escópio" baseava-se no princípio mais básico da fotografia, suscitando a sensação de estar diante, não de uma imagem, mas da realidade que ela representava com rigor. NM



Campinos invadem a cidade

JÁ TEM 84 ANOS DE EXISTÊNCIA, MAS CONTINUA COM O VIÇO DOS RAPAZES QUE SE INICIAM NAS LIDES. O COLETE ENCARNADO MARCA A CHEGADA DO VERÃO EM TODO O ESPLENDOR DA PLANÍCIE POR **ANA LÚCIA MELO** (TEXTO E FOTOS)

São três dias de festa todos os anos no primeiro fim-de-semana do mês de Julho que trazem a Vila Franca milhares de aficionados e turistas às largadas de touros e às cerimónias de homenagem ao campino, tudo abençoado pela missa *Rociera*. Este é um dos maiores encontros do Ribatejo que não dispensa a garraiada, a corrida de campinos e o convívio das tertúlias. E de todos os que vêm à corrida de touros, mas também em busca do fado, da sardinha assada na noite de sábado, dos concertos, do fandango, dos ranchos, das sevilhanas, do flamenco e do espetáculo de fogo de artificio sobre o rio Tejo que fecha esta festa brava.

Momento alto destes dias será a esperada homenagem a um campino ainda activo, eleito pelos seus pares, e que recebe um Pampilho de Honra que evoca um par já desaparecido. Essa vara tão tradicional, o pampilho, tem nesta ocasião um duplo significado, como homenagem póstuma a um campino falecido, cujo nome está gravado neste "troféu" único, agora com uma representatividade ainda maior.

Afinal, é a figura central e um dos maiores ícones do Ribatejo. A sua vida e vivência fazem-se em torno da terra e dos animais, numa comunhão perfeita com a natureza da lezíria enquanto guardiões do gado bravo que nela nasce e cresce, cúmplices com os seus cavalos. O campino atinge um *status* e uma mística de referência, como sentinela da lezíria ribatejana, através do seu porte altivo de pampilho na mão, que usa para guiar os touros pela lezíria e ruas das cidades em alturas festivas.

A marca do agrário José Van-Zeller Pereira Palha distingue esta festa ribatejana, que teve a sua 1ª edição em 1932, promovida para homenagear o campino e angariar fundos para os Bombeiros Voluntários de Vila Franca de Xira. Na primeira edição desfilaram 60 campinos em desfile pelas ruas de Vila Franca, algo até à data nunca visto, unindo o campo e a cidade, através do homem, do touro e do cavalo. Também o uso do Colete Encarnado, surge de um episódio curioso. José Van Zeller Pereira Palha comprou peças de tecido encarnado para que os campinos da casa fossem trajados de igual às festas e assim o colete encarnado acabou por se vulgarizar entre os campinos, sendo no dia de hoje uma identidade e pertença do traje de festa do campino, além de dar nome a esta festa.

Este fundador da festa do Colete Encarnado era um apaixonado pela lezíria e pelo campino. Na altura era administrador político, financeiro e cultural no concelho de Vila Franca de Xira, e a ideia de criar a festa surgiu numa tarde de meditação na Quintas das Areias, que pertencia à sua família com o objectivo de angariar dinheiro para os Bombeiros Voluntários, do quais era presidente. ▷

O campino atinge um *status* e uma mística de referência, como sentinela da lezíria ribatejana, através do seu porte altivo de pampilho na mão, que usa para guiar os touros pela lezíria e ruas das cidades em alturas festivas

Foi também presidente da assembleia-geral dos Bombeiros Voluntários, sócio honorífico do Ateneu Artístico Vilafranquense e da Associação Fraternal dos Artistas Vilafranquenses. Orgulhoso das suas raízes, passeava por toda a festa, apreciando o desfile dos campinos e casas engalanadas.

Só mais tarde surgiram as tertúlias, que são hoje parte integrante e tão fundamental na festa. Construídas através de complexos códigos de sociedade, as tertúlias tauromáquicas transformam-se em lugares de encontros, de amizades, modos de ser e de estar sendo uma forma de expressão cultural.

Em Vila Franca de Xira imperam cerca de 50 tertúlias, mas não foi sempre assim. Só a partir da década de 50/60 é que as tertúlias começaram a surgir no seio de alguns cafés e restaurantes de Vila Franca de Xira. Almoços de convívio, debates de assuntos de interesse comum iam acontecendo aqui e ali, mas a necessidade de espaços próprios, onde os tertulianos pudessem receber os seus amigos e convivas sem restrições, numa casa a que pudessem chamar sua, origina a ideia de uma sede.

As tertúlias têm aumentando substancialmente nas últimas décadas, sem restrições a géneros nem idades, mas sempre com um propósito de partilha e convívio.

Dois trajes, entre a festa e o trabalho

// Quando o campino sobre o seu cavalo, de pampilho na mão, corre as lezírias ou percorre as cidades guiando o gado, ganha um porte altivo, repleto de bravura e masculinidade.

O traje que o público mais identifica com o campino é composto por um calção com abotoadura lateral e ajustado à perna por botões, seguindo o modelo do traje de corte do século XVIII. O calção é em tecido de fazenda de côr azul, bolsos metidos ao alto, cintura subida sem cós (ao ajustarem ao estômago permitem uma postura adequada no domo do cavalo).

O colete tem como principal característica a côr vermelha e a configuração do decote, com uma ou duas carreiras de botões, desenhos e arabescos bordados nas costas em cordão preto. Costuma trazer uma chapa com o brasão da sua casa agrícola – Ganadaria – sobre a lapela esquerda do colete. A camisa é simples de algodão branco com peitilho apertado à frente, embora com carcela dupla que esconde os botões.

É ainda composto por uma cinta de tecido de lã vermelha com franjas nas duas extremidades. O barrete em fazenda de lã verde e vermelho. A jaleca tem a configuração de uma casaca, não sendo abotoada, embora se ajuste ao corpo e tenha botões de ambos os lados.

As meias são rendadas de algodão branco, os sapatos feitos de vitela ou calfe preto, com salto de prateleira onde assentam as esporas, e apertados no peito do pé com atacadores por debaixo da pala.

Este traje mais conhecido e emblemático, uma identidade e um símbolo do Ribatejo e do campino, é o traje de festa, embora nos dias de trabalho este esteja vestido por jaqueta, colete e cinta preta e calça comprida, bem mais simples e adaptado à realidade do campo. ALM

TERTÚLIAS E GANADARIAS

TERTÚLIAS (1960 A 2011)

O Cavalo
Companheiros do Balde
Cirófila
O Pátio das Cantigas
Os Almoçaristas
Fortunato Simões
Museu do Colete Encarnado
Parrita - A Manga
Os Parras
O Estoque
O Touril
O Campino
A Lezíria
O Primeiro Tércio
A Charrua
O Curro
Clube Taurino Vilafranquense
Tertulia Taurina José Falcão
Os Farras
Zás & Vira
Associação Manuel Custódio
Os Amigos dos Patos Mudos
O Natural
O Autocarro
Abre-Max
O Chocalho
Casa velha do Amaral
Casa dos Forcados Amadores de Vila Franca de Xira
Rambóia
Amigos dos Dedal e do Tinto
O Mata Cavalos
O Aficionado
O Buraco
Alma do Colete
A Padroeira dos Campinos
Palha Blanco
Amigos do Muro
Nova Geração
Festa Brava
A Trincheira
Irmandade
Ao Redor do Copo
A Fornalha
O Garraio
Bombeiro
Aficionado
O Capote

GANADARIAS

Álvaro Amarante
António Charrua
António dos Reis
António Lampreia
António Silva
António Simões Pessoa
António Valente Arriaga
Ascensão Vaz (Dr. Isaías Monteiro Vaz)
Balancho
Branco Núncio
Brito Paes
Cabral Ascensão (Sociedade Agrícola Cabral Ascensão, Lda.)
Canas Vigouroux
Carlos Falé
Filipe(Sociedade Agrícola Cova das Donas, Lda.)
Casa Agrícola Albino Fernandes
Casa Avó
Casa Prudêncio
Coimbra Barbosa
Conde de Murça
Condessa de Sobral
Couto Fornilhos
David Ribeiro Telles
Ezequiel Rodrigues
Felicidade Dias
Fernandes de Castro
Fernando Palha
Fernando Santos
Filipe Tinoco
Francisco Caldeira
Francisco Romão Tenório
Francisco Vera Sanchez
Gregório Oliveira
Guiomar Moura
Herd. Paulino Cunha e Silva
Herdade de Camarate
Herdeiros de A. Cunhal Patrício
Herdeiros de Conde Cabral
Herdeiros de Infante da Câmara
Higino Soveral
Inácio Ramos
Irmãos Dias
Irmãos Toste
Isidro dos Reis
Isidro Ricardo
Jerónimo Manzarra
João Dias Coutinho
João Moura
João Ramalho
Jorge de Carvalho
Jorge Mendes
José Luís Cochicho
José Luís Pereira Dias
José Luís Vasconcellos e Souza D'Andrade
José Pereira Palha
José Salvador
José Samuel Lupi
Lopes Branco, Herdeiros
Lopes da Costa
Luís Cabral
Luís Rocha
Manuel Caetano
Manuel Cary
Manuel Coimbra
Manuel José Lopes
Manuel José Úrsula, Herdeiros
Manuel Lopo de Carvalho
Manuel Tatá
Manuel Tavares Veiga, Herdeiros
Mário Vinhas e Herd. Manuel Vinhas
Marquês da Graciosa
Monte do Cisne
Murteira Grave
Nuno Casquinha
Vítor Nuno da Costa Casquinha)
Oliveiras, Irmãos
Ortigão Costa
Palha
Passanha
Paulo Caetano
Pedro Santos Lima
Pégoras
Pinto Barreiros
Pontes Dias
Rego Botelho
Rio Frio
Rodolfo André Proença
Rosa Rodrigues
Ruy Gonçalves
Santa Maria
Santiago
Santo Estevão
São Marcos
São Martinho
São Torcato
Silva Herculano, Herdeiros
Sociedade Agrícola Rio Frio
Sociedade das Silveiras
Sommer D'Andrade, Herdeiros
Vale Sorraia
Varela Crujo, Herdeiros
Vaz Monteiro
Veiga Teixeira
Vila Galé

Sangue e festa na arena

ANA LÚCIA MELO // Após uma colhida fatal na Praça de Touros de Teruel, ao leste de Espanha, o matador de touros Victor Barrio, recebeu cuidados imediatos, mas não resistiu aos ferimentos, tendo sido declarado o óbito na enfermaria da praça nesse 9 de Julho último. Tinha 29 anos, chegou ao mundo taurino apenas aos 20, e recebeu alternativa na praça de Touros de *Las Ventas* de Madrid em Abril de 2012.

Após a morte trágica de Victor Barrio não se fizeram esperar as reacções nas redes sociais. Às mensagens de condolência apresentadas à família somaram-se as dos activistas anti-touradas manifestando a sua leitura militante do sucedido. O jornal *El Mundo* publicou algumas dessas mensagens: "a morte de Victor Barrio também é arte", "que tenha tido uma dor tremenda e morrido lentamente, tornar a tortura num desporto é simplesmente uma estupidez depravada".

A própria viúva do toureiro foi alvo de inúmeros juízos, sendo apelidada de "cúmplice" de um "assassino". O *El Mundo* refere ainda que a Fundação do Touro de Lide, após recolher cerca de 50 *tweets* contra o toureiro falecido, anuncia que irá tomar medidas legais. A morte de Victor Barrio é a primeira deste século em Espanha, segundo a agência noticiosa EFE. As anteriores foram as dos matadores José Cubero "Yiyo", em 1985, e Francisco Rivera "Paquirri", em 1984, e dos bandarilheiros "Manolho Montoliú" e Ramón Soto Vargas, em 1992.

Menores na festa brava

As duas recentes propostas de lei do Bloco de Esquerda (BE), Partido Ecologista os Verdes (PEV) e Pessoas, Animais, Natureza (PAN), chumbadas na Assembleia da República (AR) em Junho de 2016, defendiam a proibição da participação em espectáculos tauromáquicos de menores de 18 anos. Estas propostas de lei baseiam-se na Declaração Universal dos Direitos da Criança e na directiva do Comité dos Direitos das Crianças das Nações Unidas a Portugal e visavam a defesa do animal, criminalizando o sofrimento infligido ao touro e cavalo, e ainda o conter impacto comportamental e psicossocial da festa brava numa criança/jovem.

"Segundo a opinião generalizada de psicólogos e pedopsiquiatras, a exposição aos espectáculos tauromáquicos prejudica o desenvolvimento harmonioso das crianças, podendo mesmo causar-lhes efeitos traumáticos. Esta exposição origina igualmente uma marcada e muito preocupante habituação à violência, para além de ser capaz de gerar uma tendência à violência ativa", refere o Movimento Pela Abolição da Tauromaquia em Portugal (MATP).

Em 2014, o Comité dos Direitos das Crianças da ONU mostrou-se "preocupado com o bem-estar físico e mental das crianças envolvidas em treino para touradas, bem como com o bem-estar mental e emocional das crianças enquanto espectadores que são expostos à violência das touradas" e exortou Portugal para que tomasse medidas legislativas para proteger todas as crianças expostas e envolvidas em touradas "tendo em vista uma eventual proibição" desta exposição.

Também a Associação ANIMAL, invocando a Declaração Universal dos Direitos dos Animais/UNESCO, defende que "sempre justificadas como tradição, as corridas de touros são, na verdade, um dos costumes mais bárbaros de um sector minoritário e ultrapassado da sociedade portuguesa. Por trás da suposta bravura dos cavaleiros tauromáquicos, dos bandarilheiros, dos forcados e dos demais intervenientes neste espetáculo medieval, esconde-se uma triste e horrível realidade – a perseguição, molestação e violentação de touros e cavalos que, aterrorizados e diminuídos nas suas capacidades físicas, são forçados a participar num espectáculo de sangue em que a arte é a violência e a tortura é a cultura".

Uma segunda família

Do outro lado da moeda estão os defensores das touradas, desde os toureiros a forcados, e matadores de touros, bem como todos os aficionados e amantes da festa brava que acreditam que esta cultura aposta "na melhor e mais correcta formação" pessoal. "É uma escola para a vida porque o toureio defende a disciplina, o respeito, a seriedade, valores que nos fazem aprender e crescer com solidariedade, muito presentes na festa de touros", sublinha a cavaleira Ana Batista. Para o matador Mário Coelho, esta prática "passa pela humildade, amizade, orgulho, respeito, companheirismo e profissionalismo que, muito mais que um toureiro, forma um homem. Mesmo os que não triunfam na carreira tauromáquica, triunfam na sua vida pessoal e profissional". Já Ricardo Patusco agradece ao seu grupo de forcados a identidade, a amizade e a formação pessoal naquilo que considera ser a sua "segunda família".

Esta defesa das tradições, da cultura, de um modo de vida e da identidade de uma região apoia-se "no respeito pelo animal, na sua cuidada criação na natureza, respeitando a raça bravia, no gosto toureiro pelo cavalo e pelo touro", defende Ana Batista. "O touro nasce para o espectáculo, ele é o rei, sem o touro a festa não existia", acrescenta Ricardo Patusco.

E Mário Coelho explica melhor a dinâmica do sofrimento. "O touro tem um temperamento agressivo que se revela quando entra na praça de touros, ou troca de campo de pastagem, torna-se agressivo e com 35 litros de sangue a excitação provoca-lhe uma pressão tal nas veias que nesse momento o touro tem que ser sangrado, se não pode colapsar. É nesse momento que o touro tem prazer em investir, em brincar e não sente dor, tal como está cientificamente comprovado pela Real Academia Veterinária de Madrid. E a adrenalina faz-nos o mesmo."

Caso a lei tivesse sido aprovada, poderia ser o início do fim para a tauromaquia em Portugal. Para Ana Batista "esta é uma manifestação que está no sangue do povo português, e de muitos outros povos, e há 50 anos que a festa dos touros ultrapassa ataques e continua viva". Em plena temporada tauromáquica, a discussão promete dias de luta para os activistas da defesa dos animais.

FOTOS: ANA LÚCIA MELO

▸▸ FIM DOS SUBSÍDIOS PARA TOURADAS Foi aprovado pelo Parlamento Europeu a 20 de Julho por maioria absoluta a emenda 1437, que prevê que os fundos da Política Agrária Comum não podem ser "usados para apoiar a reprodução ou a criação de touros destinados às atividades de tauromaquia". "A decisão tomada hoje pelo Parlamento Europeu pode representar a estocada final nesta barbárie. Essa é a nossa esperança, a nossa luta", declarou Christophe Marie, porta-voz da Fundação Brigitte Bardot.

DR

Ana Batista, cavaleira profissional, tirou a alternativa em 2000 com 22 anos. Nascida em 1978, em Salvaterra de Magos, tem a 1ª actuação em público em 1988, no dia do seu décimo aniversário

Mário Coelho, matador de touros, retirou-se em 1990. Nascido em 1936 em Vila Franca de Xira, torna-se bandarilheiro amador em 1955, tirando a alternativa de bandarilheiro em 1958 e a de matador de touros em 1967

Ricardo Patusco, forcado amador retirou-se 2016 ao completar 31 anos. Nascido em 1985, em Vila franca de Xira, faz a 1ª pega numa garraiada em 1997 e como forcado amador em 2000

TUDO O QUE VEM À REDE É PEIXE

São oito da noite e o Sol está quase a pôr-se no horizonte. O aglomerado de pessoas atraídas pela chegada do peixe compõe o cenário. "É sardinha", exclama um pescador, eufórico. Vigiados do ar pelas gaivotas, os pescadores vão separando o peixe à mão. De um lado sardinhas, do outro as cavalas. "Hoje correu bem, amanhã veremos o que nos dará o mar". Na praia da Saúde, na Costa de Caparica, a tradição ainda é o que era. Aqui não se pesca com recurso às mais modernas tecnologias, nem com barcos de luxo. Tudo é feito com intuição. A arte xávega é um tipo de pesca artesanal só utilizado em Portugal, feita com uma rede de cerco, deixada a dois quilómetros de distância e ligada por um cabo a dois tractores que a vão puxando mecanicamente. Depois é confiar na sorte. E, ao contrário de muitas outras tradições, o futuro está assegurado pelos mais novos. A sua ligação quase umbilical com a faina é inquestionável. "Todos nascemos no mar, sem medo", sublinham estes homens rijos da Costa de Caparica. E esse mesmo mar oferece-lhes cavalas, carapaus, sardinhas, atuns, robalos, salemas, sardas, lulas e raias.

António Pedro Santos (texto e fotos)

Campismo alcatifado

ANTÓNIO PEDRO SANTOS (TEXTO E FOTOS) // O cheiro das sardinhas que o senhor Aníbal assa, confunde-se com o das febras que os campistas da rua do lado grelham. Seja qual for o pitéu, há uma certeza: ninguém vai comer sentado no chão, prato de papel no colo. O campismo que tanto se faz no parque Lagoa como no de "O Repouso", junto à Lagoa de Albufeira, em Sesimbra, ou no da Orbitur, na Costa da Caparica, quase já não passa pelas tendas de tamanho mínimo, por noites mal dormidas dentro de sacos camas ou mesas improvisadas no meio do mato.

Hoje, em muitas famílias, quando se acampa, exige-se conforto. Por isso, enquanto o senhor Aníbal assa as sardinhas, a mulher e os filhos põem a mesa. Toalha de pano, copos de vidro e cadeiras espaçosas. Na rua das febras, o conforto não é menor. Televisão em cima de uma árvore, cozinha montada com frigorífico, fogão, microondas, torradeira e máquina de café, sala de estar com sofá e aparelhagem, quartos com camas de colchões fofinhos, armários que guardam roupas para umas férias inteiras. "Já não é campismo, isto é comodismo", assume Paulo Gregório, 42 anos, "comodista" há oito.

E há quem nem sonhe andar com a casa às costas, se assuste com o esforço de montar e desmontar tendas ou andar de alguidar de baixo do braço para ir lavar a loiça, e rejeite este peculiar ideal de férias. Assim era Ana Maria Lucas, 46 anos, que estava bem longe desta opção no seu lazer. Até que um dia foi passar o fim-de-semana na roulotte de uns familiares. E gostou. E quis também ela ter um lugar assim, uma espécie de casa que não é casa, mas que até tem espaço para deixar a moto estacionada no *hall* de entrada. Ali, na tenda de férias de toda a família há três quartos, berços para os mais novos, conforto descontraído e a praia a dois passos. A mesma rua foi ocupada por sogros, tios, primos e cunhados e as horas de refeição acontecem numa longa mesa com muitas risadas e prontas anedotas contadas aos sete ventos.

Num hotel, as férias não seriam tão longas e a vida não seria tão livre como num parque de campismo. Aqui os homens podem comer de tronco nu, as mulheres perdem horas a temperar a carne para os churrascos mais apetecíveis, as crianças correm pelos corredores imaginários e não há ninguém a incriminá-las pelo barulho. O pequeno-almoço pode ser tomado à hora que bem apetece a cada um. Já não é um campismo "puro e duro", mas a vertente de vida descontraída no campo ainda está bem patente. Por isso é que Angelina Lopes, 55 anos, acampou este ano pela primeira vez e já se decidiu a comprar uma roulotte. "São umas férias muito em conta e num ambiente muito simpático. Como grelhados todos os dias, que nunca faço em casa. Aqui levanto-me tarde, compro o pão, vou à praia e relaxo", confessa, rendida a este novo quotidiano de Verão.

Neste universo imperam também os veteranos. Maria Adelaide Mendes, 68 anos, já acampa desde 1975. Primeiro começou por um campismo "selvagem", depois partiu em busca do tal "comodismo". A casa de lona já é tão confortável que os tempos ali passados deixaram de ser apenas no Verão para serem durante o ano inteiro. Reformada, "ali limpa a alma", dorme melhor, conversa quando quer, faz sopas de letras, aprecia o silêncio. A tenda, que já podia ser uma casa de cal e cimento, tem cortinas nas janelas de plástico, jarras em cima da mesa, ventoinha no Verão e calorífero no Inverno. Já Maria Luísa, vizinha da rua de cima, passa temporadas de cinco meses na casa de pano que lhe torna a vida mais saudável. Em casa, em Moscavide, nem poria os pés na rua tal a confusão do trânsito. Aqui sente que "ganha anos de vida" enquanto tricota no alpendre ou ajeita "as flores de plástico que parecem vivas" para animar as várias jarras "lá de casa".

Ao longo das ruas de vários parques de campismo, há antenas parabólicas para "quem não quer perder pitada dos jogos" do seu clube, há gaiolas de pássaros, roupões turcos e chinelos de quarto a arejar nos estendais, computadores portáteis em cima das mesas, naperons de renda por baixo das televisões. Simples, mas o suficiente para umas férias inesquecíveis a um preço acessível em tempos de crise. "O que mais posso querer?", sublinha Maria Adelaide. E sorri, certa que nem sempre é determinante a casa onde se mora, mas o que mora em si de uma casa sonhada.

O sonho fez-se festa

O POVO QUERIA, O ENGENHEIRO SONHOU, DOS 23 A OBRA NASCEU...DESTA VEZ CUMPRIU-SE PORTUGAL. E O HINO REPETIDO, E CANTADO A PLENOS PULMÕES, COM A EMOÇÃO À FLOR DA PELE, INVADIU TODOS OS CONTINENTES

POR **HELENA REIS** (TEXTO E FOTOS)
E **RUI MENDES** (FOTOS)

A fase de grupos não augurava nada de bom. O empate com a desconhecida Islândia provocou a primeira onda de choque. Ainda mal refeitos do susto, eis novo empate com a Áustria, com a agravante de Ronaldo ter falhado um *penalti*. Mas o engenheiro não é homem de se deixar ficar e sai a terreiro a defender os jogadores e a fazer uma promessa. Veio o jogo com a Hungria e foi uma montanha russa de emoções: três vezes a perder, outras tantas a empatar. Faziam-se as contas, mas era melhor ficar do outro lado do quadro, tudo dependia dos outros jogos e no último minuto a desconhecida Islândia, ao ganhar à Áustria, coloca a equipa das quinas no sítio que viria a revelar-se ideal.

Agora começava a fase do tudo ou nada. O jogo com a Croácia adivinhava-se tudo menos fácil. Era uma das equipas que melhor futebol tinha praticado, tendo a ousadia de roubar o primeiro lugar do seu grupo à toda poderosa Espanha, detentora do título, após uma exibição sem mácula. Era preciso anular as vedetas croatas e Portugal foi exemplar nesse aspeto, secando autenticamente Luka Modric. O tempo ia passando com alguns sustos pelo meio e veio o prolongamento. Começavam a notar-se os primeiros sinais de cansaço, afinal Portugal só tinha tido 72 horas de descanso. Quando já se tentava adivinhar quem marcaria os *penaltis*, eis que o poste da baliza de Patrício teimou em não se desviar do pontapé croata. E a bola vem para Ronaldo que logo a dá a Renato. "Vai, puto!", gritam 11 milhões de portugueses e ele foi, desenfreado, relvado fora. Nani está sozinho na esquerda, é para lá que vai a bola, e Ronaldo espera por ela na direita e sai pontapé fortíssimo que o croata não consegue segurar. Alguém se tinha esquecido que Quaresma tinha seguido a correria e foi só encostar a cabeça. Já lá estava dentro e Portugal nos quartos.

Uma bandeira, um hino, 11 milhões de almas

Lisboa, fanzone da Praça do Comércio, final de ▷

Lisboa, *fanzone* da Praça do Comércio, finais de tarde consecutivos juntam adeptos trajados a rigor e o sonho da vitória ronda uma nação. O hino é cantado a plenos pulmões e a festa esperada recebe os heróis da Seleção

O engenheiro, a crença e o herói improvável

// "Já avisei a minha família que só volto no dia 11 de julho e que vou ser recebido em festa". Esta afirmação de Fernando Santos deixou o mundo estupefacto. Sabendo-o católico convicto, um jornalista dispara: "É uma questão de fé?", "Não, é uma questão de crença".
Um bom treinador tem que ser um bom *leader* e saber gerir emoções. Não é fácil unir 23 egos tão diversos e ele conseguiu que falassem a uma só voz. O discurso nunca se fez na primeira pessoa.
Nunca se tinha feito uma gestão dos jogadores de uma forma tão eficiente. Estavam sempre disponíveis para o que lhes era pedido. Foi a vitória de um homem inteligente, corajoso, determinado e sobretudo humilde.
De patinho feio a herói nacional foi o tempo de um chuto. Éder, o puto das costeletas (recebia uma por cada golo marcado), nasceu na Guiné-Bissau e cresceu num orfanato perto de Coimbra. Começou a jogar no Adémia, passou pela Académica e Braga, até chegar ao Lille. Considerado o melhor reforço de Inverno do campeonato francês, foi em França que teve a sua coroa de glória. Choveram as críticas à sua inclusão nos 23 e ele respondeu da melhor maneira, com a luva branca com que festeja os seus golos. Não guarda mágoa nem rancor, prefere continuar nas nuvens. HR

tarde do último dia de Junho, aproxima-se a hora de mais jogo. Ultimam-se os preparativos para a festa: as pinturas na cara com as cores nacionais, os cachecóis, as bandeiras. Lá vão chegando em grupo ou sozinhos, é preciso escolher um bom lugar. Há quem esteja já deitado no tapete verde, bandeira em punho, sussurrando: "acho que já bebi demais!" Ouvem-se os primeiros cânticos: "Fernando mete o Quaresma, mete o Quaresma!". Os polacos vão aparecendo, discretos, gritando pela sua Polónia. De repente estão envolvidos pela juventude portuguesa. "E quem não salta é polaco, olé, olé!". Até há ingleses a apoiar Portugal, como se fossem verdadeiros "tugas": bandeira pelas costas, corações verdes e vermelhos na face e, claro, cerveja na mão.

As primeiras imagens do Vélodrome aparecem no écran gigante e é a loucura. A constituição da equipa agrada, finalmente Renato Sanches a titular. O hino é cantado a plenos pulmões com a emoção à flor da pele. A bola começa a rolar e ainda alguns procuravam a melhor posição para ver o jogo, já Lewandowsky tinha marcado o golo da Polónia. Balde de água fria, mas os lusitanos têm a crença do seu selecionador, "de batalha em batalha até à vitória final", irão ganhar. E Renato devolve o contentamento à multidão lusa. Agora que venha o Quaresma e o prolongamento e até os *penaltis*. E a vitória está lá: choram os polacos, festejam os portugueses.

O carisma de Ronaldo

Seis dias depois, repete-se o ritual e as emoções estão ao rubro: vêm aí os galeses. Bandeiras bem ao alto que é o dia do tudo ou nada. Os jogadores acreditam e o povo está cada vez mais com eles. Canta-se o hino com a alma na voz. Começa o jogo, taticamente perfeito dizem os comentadores, há que anular o Bale. Primeira parte tranquila, sem oportunidades de golo. Fernando Santos corre de um lado para o outro, sempre a corrigir posições, aos berros. O que disse aos jogadores durante o intervalo resultou. Portugal entra a todo o gás e em três minutos (50 e 53) faz dois golos. Primeiro Ronaldo a voar sobre os centrais, depois Nani. Loucura total, agora é só aguentar os galeses, apesar de todo o sofrimento. Aguentem corações que o relógio avança rápido para eles e demasiado lento para Portugal. Finalmente, o árbitro apita. Muita festa, muitos sorrisos, muitas lágrimas. Afinal o engenheiro tinha razão, aconteça o que acontecer, só volta dia 11.

Um país inteiro a festejar

Quatro dias depois, a 10 de julho, *Stade de France* engalanado, 11 milhões de corações a palpitar. A sobranceria francesa era tanta que já tinham passeado um autocarro pelas ruas de Paris a dizer "Merci, Champions d'Europe". Depois trocaram a ordem dos hinos.

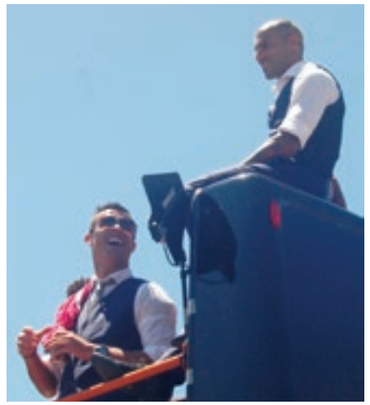
A desproporção é enorme: 10 mil lusos para 70 mil gauleses. Começa o jogo e logo aos 7' falta feia de Payet sobre CR7, o árbitro faz vista grossa. Ronaldo sai do campo a coxear, volta a entrar, o joelho ligado, os franceses assobiam. Mas aos 25' o capitão não aguenta mais, sai de maca em lágrimas, o estádio inteiro levanta-se e aplaude "o melhor do mundo".

Agora, o pensamento é só um: ganhar pelo capitão! Fazem-se ouvir os portugueses. Pela primeira vez na história do futebol luso, juntaram-se elementos das claques de dez clubes, para apoiar a seleção. "Pouco importa se jogamos bem ou mal, nós queremos é levar a taça para o nosso Portugal", sublinham os cânticos de apoio. Os franceses atacam, rematam e Patrício defende tudo e até o poste teimou em não se afastar aos 92'. Aguentam tudo e lá vem outra vez o prolongamento. Primeiros 15' já lá vão.

O engenheiro não pára e agora é CR7 que se junta a ele, qual treinador-adjunto a gritar para dentro do relvado. Entra Éder, o patinho feio, os franceses já estão de rastos e os portugueses instalados no meio campo deles. É a vez de Lloris mostrar o que vale, depois uma bola na trave. Por fim, a jogada genial, tudo ao primeiro toque – William, Moutinho, Quaresma –, Éder aguenta a carga do defesa e, do meio da rua, chuta, com a mesma convicção com que tinha dito a 9 de junho que iria marcar no Euro. "É gooolooo de Portugal!". O engenheiro e CR7 tinham-lhe dito: "Vais marcar!". O cronómetro marcava o minuto 109, o tempo nunca mais passa e o árbitro ainda dá mais 3'. Finalmente, campeões! Desta vez as lágrimas são de alegria. Há um país inteiro a festejar. Para os emigrantes em França foi o dia mais importante das suas vidas: jamais serão *les petits portugais*. Pelo mundo – de Bissau a Timor, de Macau ao Brasil - erguem-se as bandeiras, canta-se "A Portuguesa".

UMA CHUVA DE MEDALHAS NO VERÃO

// O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, começou por condecorar os novos campeões europeus de futebol e respetiva equipa técnica pelo seu desempenho inspirador. E continuou as comendas pela excelência nacional do atletismo e da canoagem. Nos campeonatos de atletismo da Europa, em Amesterdão, a primeira das seis medalhas, neste caso a de prata, foi ganha por Dulce Félix, nos 10 mil metros de atletismo. Depois Sara Moreira venceu a meia-maratona e foi medalha de ouro. Jessica Augusto terminou em 3º e arrecadou o bronze. Dulce Félix 12º, Maria Barros 46º, Vanessa Fernandes 60ª, também obtiveram por equipas, para Portugal, o 1º lugar e o ouro. No lançamento de peso Tsanko Arnaudov obteve 3º lugar e Patrícia Mamona, no triplo salto, obteve ouro e é a nova campeã Europeia. Nos campeonatos de canoagem da Europa, em Moscovo, Fernando Pimenta sagrou-se campeão em K1 - 1000 e K1 - 5000 trazendo para Portugal duas medalhas de ouro. CC



Sporting Clube de Portugal parceiro do desporto adaptado

KICKBOXING PARA TODOS Nesta época, os mentores Fernando Fernandes e José Pavoeiro apostam na integração de crianças com deficiência numa modalidade até agora vista como "violenta". Afinal, é pela mão de mestres pioneiros que se moldam atletas especiais

ANTÓNIO CRISÓSTOMO

ANTÓNIO CRISÓSTOMO // A motivação para o projecto actual do *kickboxing* do Sporting Clube de Portugal começou a dar os seus primeiros passos em Outubro de 2015. Hoje, todo esse trabalho visa proporcionar uma nova opção para aqueles que gostam deste desporto ou têm a curiosidade de experimentar a modalidade dentro das suas limitações. Afinal, o *kickboxing* é um desporto de combate de enorme exigência metabólica, onde são treinadas diferentes vias energéticas (aeróbia e anaeróbia) e qualidades físicas (resistência, força, flexibilidade, velocidade, coordenação motora, agilidade e equilíbrio).

Os praticantes dedicados conseguirão atingir uma composição corporal e condição física notória, que consequentemente lhes trará inúmeros ganhos à saúde. A parte psicológica também é bastante trabalhada neste desporto, no qual os praticantes aprendem a ter auto-confiança, autocontrolo, espírito de companheirismo, respeito pelo adversário, fair-play, concentração e muito espírito de sacrifício. Esta exigência marca um atleta sem deficiência mas também pode aplicar-se, com as necessárias adaptações, a crianças e jovens com deficiência, já que favorece a sua integração e interação social assim como a incontornável vertente física, através do combate ao sedentarismo e do desenvolvimento da capacidade muscular.

"Temos trabalhado durante este ano com crianças autistas com uma periodicidade mensal e constatamos que a sua integração foi extraordinária, melhorou ao longo dos meses e a interacção com os outros atletas e treinadores foi sendo sedimentada em cada actividade", refere o mestre Fernando Fernandes.

As actividades foram desenvolvidas com recurso a um conjunto de jogos e exercícios em que se procurou um desenvolvimento multilateral que estimulasse as capacidades físicas de cada um, dentro das suas limitações, aliando ainda as técnicas básicas do *kickboxing*. O objectivo deste trabalho rigoroso é conferir também às crianças e jovens uma maior disciplina, auto-controlo, concentração e o respeito pelos outros e pela sua diferença.

Pioneiros no desenvolvimento de métodos de treino adaptados a vários tipos de deficiência, sem descurar o desenvolvimento psicológico, bem-estar e integração social dos praticantes, a equipa de treinadores de *kickboxing* do Sporting aposta "no contínuo salto das várias barreiras de um percurso sinuoso" e "na evolução como pessoas e atletas", enquanto elementos válidos e activos da comunidade.

"Vamos continuar este projecto e alargá-lo a outras crianças, pois temos a noção que o espírito e os ensinamentos de desportos de combate podem fazer com que as crianças e jovens com deficiência venham a ter as mesmas oportunidades de realizar o seu sonho de praticar uma modalidade que até agora era vista como inatingível", garante José Pavoeiro.

▸▸ RECEIOS OLÍMPICOS

"Vamos para ganhar e elevar Portugal ao topo do desporto mundial", garantem os atletas portugueses olímpicos de judo que estarão presentes no RIO 2016. Na competição temem as questões de segurança, quer pelo crescendo dos atentados terroristas quer pela ameaça interna do narcotráfico e das desigualdades sociais. A possível greve das forças de segurança federal e o desinvestimento nos serviços de saúde no Estado do Rio pode vir a gerar alguns constrangimentos graves durante os jogos. AC

Regresso dos *azuis* às origens

CAMPO DAS SALÉSIAS REACTIVADO EM BELÉM JÁ FOI O PRIMEIRO CAMPO RELVADO DO PAÍS E ACOLHEU GOLEADAS DE OURO, MAS O ABANDONO NUNCA O APAGOU DA MEMÓRIA DOS BELENENSES. AGORA PROMETE NOVOS DIAS DE FESTA À COMUNIDADE LOCAL

POR **CARLOS CARVALHO** (TEXTO E FOTOS)

No último feriado móvel, em Dia de Corpo de Deus, a 26 de Maio de 2016, Os Belenenses, a Câmara Municipal de Lisboa (CML), a Junta de Freguesia da Ajuda e a Fundação da EDP reuniram esforços e conseguiram concretizar o mais antigo sonho de todos os azuis de Belém: regressar às Salésias. Este Verão só aguardam que a bola recomece a correr no promissor relvado sintético e com ela se convoque a comunidade local para o convívio esquecido entre adeptos e fregueses, muitos deles cheios de memórias das goleadas de outros tempos.

Afinal nas Salésias, nas imediações da Escola Secundária Marquês de Pombal e do Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas (CENJOR), existiu, entre 1927 e 1956, o que começou por ser o campo de jogos do Clube de Futebol Os Belenenses e se transformou no principal estádio do país. Construído de raiz, em terrenos cedidos a título precário pela CML, recebeu dez anos depois o arrelvamento do campo, em 1937, em parceria significativa com a Federação Portuguesa de Futebol. A partir daí tornou-se no primeiro campo relvado do país e, até à inauguração do Estádio Nacional, em 1944, o grande palco onde a Selecção Nacional disputava os seus jogos e os clubes de referência disputavam encontros internacionais.

A construção das bancadas centrais e laterais, da cobertura, da pista de atletismo, do campo de treinos e do ringue exterior foram melhoramentos sempre realizados com recursos reunidos pelos sócios. E na época de 1945/46, Os Belenenses sagraram-se campeões nacionais de futebol. Mas em 1947 o clube é notificado para abandonar as Salésias, o que acontece em 1956. Depois, durante mais de 60 anos, o que restava das Salésias, não passava de um terreno baldio, uma lixeira a céu aberto.

Testemunhas vivas de todo este processo são dona Rosa e senhor Higino, octogenários muito activos, sempre ao leme do seu café, todos os dias da semana, das 7h30 às 20h no nº111 da rua Alexandre Sá Pinto. Vivem e trabalham há mais de 60 anos nesta rua, ainda esta se chamava rua das Casas do Trabalho e eles eram jovens que vibravam com a época gloriosa dos azuis de Belém, logo no pós-guerra.

Depois vieram os duros dias do abandono em 1956, mais tarde uma comunidade cada vez mais dispersa, elos de vizinhos perdidos sem uma âncora que os convoque para uma paixão clubística. Mas nos últimos dois meses no "café da D.Rosa", os fregueses andam mais faladores, a casa cheia e animada, dominada pelo espírito dos azuis que brindam como se fossem apenas um e sorriem ao desabafo do senhor Higino: "Demorou, mas já está!"

Em Maio de 2016, os *azuis* de Belém regressam às Salésias cujo campo já está pronto para os receber com o seu relvado sintético

No café da D. Rosa e do sr. Higino, os dias respiram a boa nova das Salésias

▸▸ DIAS DE MAR, NOITES DE BOA ONDA

FOTOS: MARIA PESSOA

Nuno Magalhães cruza a prática do *surf* e o treino da modalidade com uma carreira de dj e produtor responsável pelas editoras Hush Recordz e Música Gourmet, duas paixões que lhe disciplinam "a viagem de uma vida". Passou toda a infância e adolescência ao lado do mar e sempre foi fascinado pelo ritmo das ondas e da música. Começou a praticar *surf* em Carcavelos, São Pedro do Estoril e na praias de Burgau e Zavial, no Algarve, aos 11 anos, aos fins-de-semana e nas férias escolares, e logo nasceu uma paixão diária que dura até hoje. Sabe que conciliar o estilo de vida associado ao *surf* com a vertente de dj, exige uma adaptação a horários bipolares e, por isso, aposta numa vida regrada com alimentação saudável "para que o corpo e a mente possam responder à altura do desafio". Gerir as duas faces dos seus dias não é fácil, mas no ano passado até conciliou ambas com a pós-graduação de *Surf* e Performance (Formação de Treinadores Grau I) na Universidade Lusófona e um estágio de seis meses, o que lhe alargou a noção de tempo livre. "De qualquer forma quando actuo à noite nunca dou aulas ou treinos no dia seguinte. E sim, sou certamente umas quantas pessoas diferentes desde que iniciei a minha ligação ao *surf* e à música. Na adolescência ambos me ajudaram a expressar pensamentos e sentimentos e desde que perdi o meu pai, o *surf* e a música foram as minhas únicas maneiras de sobreviver feliz neste mundo" , sublinha. A competitividade não o assusta, já em qualquer actividade, tradicional ou mais radical, há regras e boas práticas que devem ser respeitadas, e por isso defende que quer no *surf* como na música "cabe também aos praticantes a legitimidade para as impor e divulgar", aliviando assim as incontornáveis tensões tribais. MARIA PESSOA

Os olhos que leem as luzes do céu

PRESENÇA PORTUGUESA CONSOLIDADA NA ASTROFÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPAÇO MAIS DE UMA CENTENA DE INVESTIGADORES PORTUGUESES JUNTA-SE AO RESTO DO MUNDO PARA RESPONDER A QUESTÕES SOBRE O INÍCIO E O FIM DOS TEMPOS, QUE TIPO DE UNIVERSO TEMOS E SE, AFINAL, ESTAREMOS POR CÁ SOZINHOS

POR **TIAGO PARENTE** (TEXTO E FOTOS)

É fascinante, não é? Escusamos de viajar até uma estrela para saber o quão quente está, tudo o que precisamos está na luz emitida!", refere José Afonso, investigador do recente Instituto de Astrofísica e Ciências do Espaço (IA). Animado, considera "feliz" a adesão de Portugal à Agência Espacial Europeia (ESA) e ao Observatório Europeu do Sul (ESO) em 2000/2001. "Nos anos 80 teríamos, talvez, uma mão cheia de investigadores nesta área. No início deste século, a comunidade portuguesa já ultrapassava uma centena, fruto do investimento feito nos anos 90, com doutoramentos no estrangeiro que depois traziam contactos e experiência em projetos internacionais", sublinha.

Hoje, Portugal está já consolidado na investigação espacial internacional. Se antes se limitava a utilizar os instrumentos de observação disponíveis, agora o papel dos investigadores alargou-se a todas as fases de projeto, "desde a conceção à construção e instalação e por fim ao seu aproveitamento científico". O que, para além da maturidade da comunidade científica, dá maior margem de manobra na utilização das estruturas, já que existe prioridade de uso para quem esteve envolvido na construção, não se estando limitado à competição via submissão de propostas.

O IA, como parte do ESO e da ESA, olha para o céu de modo a perceber a formação e evolução de galáxias, a possível variação das leis da Física ao longo do tempo, a deteção de ondas gravitacionais ou a descoberta e caracterização de exoplanetas (planetas exteriores ao sistema solar). "Na década de 90, chegou-se à conclusão que não só o universo se estava a expandir como também essa expansão se acelerava. O que só se consegue perceber admitindo a existência de uma energia escura que ainda ninguém conhece bem", salienta o investigador.

Missão no espaço

Portugal, com participação coordenada pelo IA, faz parte do consórcio que operará a missão *Euclid*

CR7 não é só uma estrela do Real Madrid. É também uma galáxia, a mais brilhante estudada, descoberta em 2015 por uma equipa internacional liderada por David Sobral do IA e da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Para além da alusão ao futebolista, o seu nome significa *Cosmos Redshift 7*, referência à sua localização no espaço. É também a primeira vez que se observa a primeira fornada de estrelas do universo

que irá tentar deslindar esta temática, analisando milhões de galáxias e que tipo de perturbações a própria estrutura do universo aplica às suas formas. Para isso são necessários instrumentos como lentes, espetrógrafos ou telescópios cada vez mais precisos e sensíveis. De momento, está já a ser instalado no *Very Large Telescope* (Paranal, Chile), o *ESPRESSO*, um espetrógrafo de alta resolução, capaz de combinar a luz dos quatro telescópios de oito metros que lá se encontram e está em construção o *MOONS*, um espetrógrafo que auxiliará no estudo da evolução das galáxias nos primeiros 70% da história do universo. Nos próximos anos, esta tecnologia será ampliada, estando já em construção dois espetrógrafos - o *HIRES* e o *MOSAIC* - para o que será o maior telescópio do planeta, o European Extremely Large Telescope, com 39 metros.

Tanto a construção do *ESPRESSO* como as futuras missões *CHEOPS* e *PLATO 2.0* continuarão a desbravar terreno em direção a respostas. A *PLATO* irá tentar descobrir novos exoplanetas, "observando estrelas de forma muito precisa e detetando quando há alterações no seu brilho provocadas pela passagem de um planeta à sua frente, como um mini eclipse". Já a missão *CHEOPS*, orçada em 50 milhões de euros, será direcionada a sistemas onde é já conhecida a existência de planetas, aplicando a sua ultra-precisão à caracterização destes corpos, medindo, por exemplo, o seu raio.

O conhecimento da atmosfera é um passo mais complicado, poucos são os exoplanetas com composição atmosférica estudada, mas foi devido a investigação nesta área - com a deteção direta da luz refletida pela atmosfera do *51 Pegasi B* - que a equipa internacional liderada por Jorge Martins, do IA, recebeu o prémio Gago Coutinho e figurou no top 10 de descobertas de 2015 para a *Physics World*. "Levantam-se possibilidades fantásticas, espera-se que seja possível perceber se algum planeta tem oxigénio na atmosfera. E, se sim, arranjam-se mais telescópios para estudar mais coisas! Clorofila, por exemplo", sugere, sempre curioso, este cientista que em criança ficou fascinado com um livro que lhe ensinou a identificar constelações. E por este caminho segue a procura de vida lá fora.

"Quero estar atenta aos sinais"

EM VIAS DE CUMPRIR 30 ANOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA JORNALISTAS, O CENJOR QUER "MANTER UMA FORMAÇÃO DE EXCELÊNCIA, RESPONDENDO ÀS NOVAS TENDÊNCIAS DO MERCADO", GARANTE A SUA ACTUAL DIRECTORA

POR **CRISTINA VIEIRA** (TEXTO) E **RUI MENDES** (FOTO)

entrevista
Deolinda Almeida

Idade | 59

Formação | Economia

Profissão | Jornalista e directora do Cenjor

Podia ter sido economista, mas a agência de notícias ANOP recrutou-a como jornalista de Economia. Depois assistiu à metamorfose desta na atual LUSA , foi correspondente europeia e acabou por abraçar a chefia da agência. Pelo meio, foi formadora no Cenjor e acompanhou Luís Delgado no lançamento do Diário Digital, o primeiro jornal diário digital em Portugal. "Fui obrigada a aprender como se fazia jornalismo digital. Se não tivesse sido assim, não sei se agora não seria uma excluída", sublinha Deolinda Almeida.

Como é que a precária profissão de jornalista se vai reinventar? Não é por acaso que os jornalistas vão fazer o seu congresso em Janeiro próximo… Esta profissão terá de passar por outro tipo de organização, mas ainda está tudo ainda em debate. Há meia dúzia de anos ninguém diria que iríamos ler notícias nos *smartphones*, era algo impensável. Hoje é ponto assente a importância do digital e do multimédia.

Qual será o papel do Cenjor em todo este processo? Não faço futurologia. As áreas estão a cruzar-se … o nosso curso de Criação de *Podcast* envolve rádio e multimédia, então como categorizá-lo? Entendemos que era uma rádio de autor, mas também poderia ser multimédia. Temos de nos adaptar à conjuntura e ser jornalista dá-me um conhecimento do sector que não teria se fosse gestora. Gostava que continuasse a ser um centro de excelência para os jornalistas, um espaço muito prático, com enquadramento teórico qb, porque é isso que os formandos procuram desde sempre.

Quando aqui cheguei, em Dezembro de 2010, encontrei um centro muito bem equipado, com importantes investimentos, visíveis para todos, formadores e formandos. Tenho feito todos os possíveis para manter essa qualidade, sobretudo para acompanhar as novas tendências que se estão a desenvolver no setor, porque o nosso objetivo principal é inserir as pessoas no mercado de trabalho na área do jornalismo ou noutro que venham a criar, preenchendo nichos de oportunidade em televisão, em produção e na internet.

Que projectos gostaria ainda de desenvolver no Cenjor? Estou fora das Redacções, mas contacto com os meus pares, temos uma linguagem comum e conheço bem as suas necessidades, o que me permite tentar dar resposta em termos de formação profissional, mas estar atenta a um equilíbrio… porque há custos diferentes para garantir uma formação de televisão e uma de multimédia. O *Reuters Digital News Report* 2016, apresentado em Julho, diz que a maioria das pessoas recebe informação através da televisão. Vou deixar de oferecer formações em televisão porque é caro? Claro que não!

A tecnologia está a evoluir demasiado rápido e a tendência em termos de oferta é para equipamentos com maior qualidade a um custo mais baixo… como as câmaras *DSLR* (*Digital Single Lent Reflex*) comparativamente com as câmaras *ENG* (*Electronic News Gathering*). Na área do vídeo, já utilizamos a captação de imagem com as DSLR, cuja relação qualidade/preço é muito boa e mais acessível. Quero estar atenta aos sinais, até porque todo o prestígio que o Cenjor tem não se deve a mim, limito-me a dar-lhe continuidade.

"Sinto uma grande nostalgia dos tempos em que fui formadora porque gosto de comunicar com o grupo e sentir a sua evolução. É muito gratificante!"

"Enquanto directora do centro tenho a percepção que uma acção vai resultar mas só o tempo o pode confirmar"

"Um dia, quando me reformar, quem sabe se não volto a dar formação..."

Estreia no campeonato nacional de profissões

// Na sequência do desafio lançado pelo o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), o Cenjor participou, pela primeira vez, no Campeonato Nacional de Profissões que decorreu em Coimbra de 22 a 27 de Maio último. A equipa do Cenjor foi enquadrada na criação de conteúdos para a informação, assegurados por três formadores, na função de jurados, e nove formandos concorrentes. A prova foi executada por três equipas de três elementos e incluía reportagem, captação e edição de imagem.

Assim, foi criada uma Redacção digital, com meios de captação e edição de vídeo, para as equipas realizarem reportagens sobre o evento. Além disso, foi criado um estúdio de televisão com os respectivos meios técnicos, desde teleponto à régie portátil, que serviu para que os visitantes e os competidores de outras profissões participassem ativamente na experiência multimédia e de comunicação.

A missão do Cenjor centra-se na oferta de formação profissional nas diversas áreas do jornalismo como a imprensa, a fotografia, a rádio, a multimédia, a comunicação ou a formação de formadores e resulta de um protocolo celebrado entre o IEFP, a então Direcção-Geral da Comunicação Social, o Sindicato dos Jornalistas, a Associação de Imprensa Diária e a Associação de Imprensa Não Diária, em Novembro de 1986. Depois de duas décadas na sede da antiga ANOP, o Cenjor está instalado, desde 31 de Outubro de 2008, nas antigas oficinas de serralharia da Escola Secundária Marquês de Pombal, devidamente alteradas para o efeito.

CARLOS CARVALHO

DR

PARAÍSO E TRADIÇÃO NO OCEANO

A atlântica ilha da Madeira é cada vez mais um destino de turismo nacional e Internacional. Entre Janeiro e Abril de 2016, 68 mil turistas portugueses visitaram a Madeira e o Porto Santo (uma subida de 19, 1% em relação aos mesmos meses de 2015) originando mais de 182 mil dormidas (um crescimento de 22,2%). A tradição dos bordados locais e a aventura dos carros de cesto aliada à pitoresca arquitetura e às omnipresentes flores garantem um mergulho único, que a gastronomia exalta em terras de CR7.

Ana Lúcia Melo (texto) e Rita Morgadinho (fotos)

DR

O Governo reforçou a Unidade de Coordenação Antiterrorismo

Europol alerta Portugal para ameaças diretas da cruzada islâmica

// O Serviço de Informações de Segurança (SIS) reconhece que há ameaças do Daesh contra Portugal, mas no quadro geral da Península Ibérica. Admite porém, que houve uma situação em que a ameaça foi direta. O relatório anual da Europol sobre as tendências das atividades terroristas em 2015, divulgado esta quarta-feira, alerta para a existência nesse ano de "recorrentes ameaças do Estado Islâmico (EI) contra a Península Ibérica e contra os Estados europeus que fazem parte da coligação militar" que combate estes extremistas. O Governo reforçou a Unidade de Coordenação Antiterrorismo, embora a ministra da Justiça garanta que não há uma ameaça específica a Portugal por parte do autoproclamado EI.

PR convoca partidos e parceiros sociais

// O Presidente da República receberá a 25 de Julho, em Belém, todos os partidos, estando o dia seguinte reservado aos parceiros sociais CGTP, CIP, CCP e CTP. Para Marcelo Rebelo de Sousa estas reuniões não são sinal de instabilidade, já que admite que as metas em termos de défice são alcançáveis, sendo que apenas quer "refrescar o clima político" durante as férias parlamentares. Entretanto, o chefe de Estado sublinhou a sua oposição às propostas que visam promover referendos europeus.

Buzinão na ponte 25 de abril

// A Comissão de Utentes de Transportes da Margem Sul organizou ontem um buzinão na Ponte 25 de Abril reivindicando a reposição da isenção de portagens durante o mês de Agosto. A medida deixou de vigorar em 2011, sendo justificada pelo anterior Executivo com "constrangimentos orçamentais". A atual tutela tem mantido a mesma opção que agora ganha mais adeptos na contestação quase histórica desta tarifa no mês em que cumpre 50 anos de existência.

▸▸ NOVAS BUSCAS NA OPERAÇÃO MARQUÊS O gabinete da Procuradoria-Geral da República (PGR) admitiu a existência de uma investigação nas instalações do Caixa BI e do Haitong Bank (antigo BESI), visando "factos suscetíveis de integrarem os crimes de corrupção, fraude fiscal e branqueamento de capitais". Em paralelo, a CGD aguarda a esperada recapitalização e o exercício de reabilitação de uma nova administração ainda em maré de negociação pela tutela.

▸▸ ANTÓNIO GUTERRES GANHA 1º ROUND NA ONU O ex-primeiro ministro venceu a primeira votação do Conselho de Segurança das Nações Unidas com 12 votos, seguido do esloveno Danilo Turk, com 11. Seguir-se-á uma nova votação, com 12 candidatos, na próxima rentrée, com presenças fortes que podem abalar o favoritismo do político português, ex-alto comissário da ONU para os Refugiados entre 2005 e 2015 .

▸▸ LULA DA SILVA ACUSADO O Ministério Público Federal confirma a denúncia por obstrução à investigação "Operação Lava-Jato" contra o ex-presidente do Brasil, Lula da Silva, e outros seis envolvidos. A acusação refere-se à tentativa de compra de silêncio de Nestor Cerveró, ex-diretor da Petrobras. A denúncia foi enviada à Justiça Federal do Distrito Federal para decisão sobre ação penal.

Cenjor

www.cenjor.pt

vimeo.com/cenjorpt